

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MÁRCIA SOARES DA SILVA

**LAÇOS DE PALAVRAS: CLUBES DE LEITURA, LAZER E
RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DE MARINGÁ.**

Maringá

2021

MÁRCIA SOARES DA SILVA

**LAÇOS DE PALAVRAS: CLUBES DE LEITURA, LAZER E
RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DE MARINGÁ.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá-UEM, como requisito legal para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Profª Drª Zuleika de Paula Bueno.

Maringá

2021

MÁRCIA SOARES DA SILVA

Laços de palavras: clubes de leitura, lazer e relações de sociabilidade na cidade de Maringá – Paraná

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA



Prof^ª. Dr^ª. Zuleika de Paula Bueno
Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Prof^ª. Dr^ª. Simone Pereira da Costa Dourado
Universidade Estadual de Maringá - UEM



Prof. Dr. Paulo Henrique Barbosa Dias
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste

Aprovada em 21 de maio de 2021

Realizada por videoconferência conforme Resolução nº 026/2020 – PGC

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S586l

Silva, Márcia Soares da

Laços de palavras : clubes de leitura, lazer e relações de sociabilidade na cidade de Maringá. / Márcia Soares da Silva. -- Maringá, PR, 2021.
81 f.color., figs.

Orientadora: Profa. Dra. Zuleika de Paula Bueno.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2021.

1. Clubes de leitura - Maringá (PR). 2. Lazer. 3. Sociabilidade. I. Bueno, Zuleika de Paula, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDD 23.ed. 306.4812

*Para minha amada mãe
In memoriam*

Agradecimentos

Agradeço neste momento todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução deste trabalho. Em especial, agradeço:

A Deus meu pai amado e querido, meu companheiro minha força e meu alicerce. Obrigada meu Deus, meu Pai do céu. “Porque todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus” (Romanos 8:28)

Professora Dra. Zuleika Bueno, pela orientação, incentivo e apoio durante todo o percurso do Mestrado em Ciências Sociais mesmo antes de se tornar minha orientadora, em especial na elaboração desta dissertação. Ficarei feliz se um dia puder representar, para meus alunos o exemplo que você representa para mim.

Professora Dra. Wania Resende Silva, pela coorientação, incentivo e apoio desde o momento que entrei como aluna não regular, agradecer que na relação de professora/aluna encontrei uma amiga mais do que querida, um exemplo para mim.

Professora Dra. Simone Dourado e Professor Dr. Thomás Meira, pela dedicação em ler este trabalho e, em especial, pelas contribuições que me foram passadas na etapa da Qualificação.

Professor Dr Paulo Dias e Professora Dra. Simone Dourado, por aceitarem integrar a banca de defesa dessa dissertação.

Todos os integrantes dos clubes de leitura que frequentei e que gentilmente me aceitaram e me acolheram e que são a alma desta dissertação.

Minhas filhas Ana Rita e Ana Julia que de forma indireta escreveram comigo nos momentos em que conversávamos sobre diversas vertentes deste trabalho, por compreenderem as minhas ausências tanto para a escrita quanto nos momentos que precisei viver meu campo de pesquisa.

Filhas, essa dissertação é nossa.

Minha irmã Neo (Marlene), minha companheira, minha amiga, muitas vezes minha mãe, meu ponto de apoio, te agradeço por me ouvir reclamar tantas vezes das dificuldades com a escrita e pacientemente me dizia, “isso vai passar nada que uma noite de sono não resolva!”

Neo você não é só minha irmã, é minha melhor amiga...

Ao meu namorado Daniel por todo carinho e companheirismo, por estar ao meu lado, te amo meu amor.

A minha cachorrinha Lilica, que nas longas horas solitárias de leitura e de escrita se mantinha ao meu lado, ou deitada aos meus pés ou no meu colo, Lili eu te amo.

Meu muito obrigada a Fernandinha Abreu, que através de uma conversa informal no ambiente de trabalho me incentivou a conhecer o PGC e a fazer o processo de seleção, e muito gratificante ver que nossa conversa deu frutos e transformou a minha vida.

Ao meu amigo/irmão que a vida e o mestrado me deram Alex Augusto, por tantas trocas de conhecimento entre a sua e a minha dissertação, pela amizade que se formou e o vínculo estabelecido em nossas famílias.

Ao meu melhor amigo da vida toda Valdinei Basicchetti, obrigada por ser meu amigo, companheiro e meu parceiro ao longo de toda nossa vida e em especial neste momento, obrigada pelos livros que me deu e que foram leituras importantes na escrita deste trabalho, mesmo distante, você sempre esteve perto de mim.

Ao meu amigo Altair Pedro Werlang, que esteve perto durante a pesquisa me ouvindo e me apoiando, pelos momentos de descontração regado a cerveja e boas risadas nos momentos de estresse extremo.

“De tudo ficaram três coisas, a certeza de que estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda um passo de dança, do medo uma escala, do sonho uma ponte, da procura um encontro”.

Fernando Sabino

“Escrever é viver; sem vida não tem escrita...”
Ignácio de Loyola Brandão

Laços de palavras: As relações de sociabilidade e a prática de leitura como objeto de estudo através dos clubes de leitura na cidade de Maringá.

RESUMO

Clubes de leitura são espaços de lazer e sociabilidade. Essa foi a perspectiva que orientou a pesquisa de mestrado realizada junto a três clubes de leitura na cidade de Maringá, no Paraná. Para a realização da pesquisa empreguei a técnica da observação participante, de inspiração etnográfica, conduzida ao longo do ano de 2019, de modo presencial, e durante os encontros ocorridos em 2020, de modo remoto. Na construção final da pesquisa, apenas um clube foi tomado como campo de análise, o Clube Macondo. Quais tipos de associações e experiências as pessoas buscam num clube de leitura? Essa foi a questão que guiou o trabalho de campo e se constituiu no objetivo da investigação. O quadro teórico construído, o objetivo formulado e a pesquisa empírica conduzida permitiram apreender a dinâmica do Clube Macondo como significativa tanto para os processos subjetivos de leitura quanto para sua expressão num espaço compartilhado. No entrelaçamento entre experiências de leitura particulares e espaços públicos compartilhados, o clube de leitura se torna um lugar de criação de laços, sentimentos de pertencimento e reconhecimento e onde se pode articular a ficção da literatura com as tramas do cotidiano urbano.

Palavras-chave: Clubes de leitura; Lazer; Sociabilidade

Ties of words: The sociability relations and the practice of reading an object of study through the reading clubs in the city of Maringá.

ABSTRACT

Reading clubs are spaces for leisure and sociability. This was the perspective that guided the master's research carried out with three reading clubs in the city of Maringá, Paraná. To carry out the research I used the technique of participant observation, of ethnographic inspiration, conducted throughout the year 2019, in person, and during the meetings that took place in 2020, remotely. In the final construction of the research, only one club was taken as the field of analysis, Clube Macondo. What types of associations and experiences do people look for in a book club? This was the question that guided the fieldwork and was the objective of the investigation. The constructed theoretical framework, the formulated objective and the empirical research conducted allowed to apprehend the dynamics of Clube Macondo as significant both for the subjective processes of reading and for its expression in a shared space. In the intertwining between private reading experiences and shared public spaces, the reading club becomes a place bonds are created, feelings of belonging and recognition and where literature fiction can be articulated with the plots of urban daily life.

Keywords: Reading clubs; Recreation; Sociability

Lista de Ilustrações

Figura 1. Encontro de Clube de Leitura Macondo realizado em 2019 na Biblioteca Municipal Bento Munhoz, em Maringá.	12
Figura 2. Encontro de Clube de Leitura Macondo realizado em 2019 na Biblioteca Municipal Bento Munhoz, em Maringá.	13
Figura 3. Confraternização de clube de leitura.....	33
Figura 4. Localização do município de Maringá no Estado do Paraná.....	40
Figura 5. Fachada da Biblioteca Pública Municipal Bento Munhoz da Rocha Neto.....	41
Figura 6. Festa Literária Internacional de Maringá (2019)	42
Figura 7. Festa Literária Internacional de Maringá (2019)	46
Figura 8. Capa do livro <i>Cuca Fundida</i> , de Woody Allen.....	54
Figura 9. Encontro do clube Mulheres que riem.....	56
Figura 10. Capa do livro <i>É isto um homem</i> , de Primo Levi.....	57
Figura 11. Encontro do clube Macondo.....	59
Figura 12. Capa do livro <i>A vida invisível de Eurídice Gusmão</i>	60
Figura 13. Encontro online do clube Macondo.....	62
Figura 14. Capa do livro <i>A festa do bode</i>	63
Figura 15. Encontro online do clube Macondo.....	64
Figura 16. Capa do livro <i>As alegrias da Maternidade</i>	67
Figura 17. Encontro do clube Macondo.....	67
Figura 11 - Capa do livro <i>Um defeito de cor</i>	68
Figura 12 - Imagem da dimensão da estrutura física do livro <i>Um defeito de cor</i>	70
Figura 13 - Imagem do dispositivo de leitura Kindle.....	71
Figura 14 - Imagem dos livros comprados pela pesquisadora.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PRÁTICAS DE LEITURA: LIVROS, LITERATURA E LEITORES COMO ELEMENTOS FORMADORES DOS CLUBES DE LEITURA	13
2.1. Das práticas de leitura aos livros	17
2.2. Livros como objetos de consumo	22
2.3. Da história dos livros e de volta às práticas de leitura.....	25
2.4. A leitura no Brasil	29
2.5 A leitura como lazer	33
3 A LEITURA QUE SE OBSERVA: O TRABALHO DE CAMPO NOS CLUBES DE LEITURA	37
3.1. A cidade de Maringá: contexto e espaço da pesquisa etnográfica.....	39
3.2. Processos de constituição entre pesquisadora e pesquisa.....	43
3.3. A construção do campo e do método de pesquisa	46
3.4. Leitura em pedaços: categoria para entender os clubes.....	49
3.5. Portifólios	
3.6. Cuca Fundida.....	54
3.7. É isto um homem?	57
3.8. A vida invisível de Eurídice Gusmão	60
3.9. A festa do bode	63
3.10 A mediação: um elo importante na sociabilidade do Clube de Leitura	64
3.11. As alegrias da maternidade	67
3.12. Um defeito de cor	68
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	78

1 INTRODUÇÃO

Clubes de leitura são espaços de lazer e sociabilidade. Essa foi a perspectiva que orientou a pesquisa de mestrado realizada junto a três clubes de leitura na cidade de Maringá, no Paraná. Para a realização da pesquisa empreguei a técnica da observação participante, de inspiração etnográfica, conduzida ao longo do ano de 2019, de modo presencial, e durante os encontros ocorridos em 2020, de modo remoto. Durante o trabalho de campo, realizei a leitura de 30 livros junto aos clubes e participei de outros 30 encontros. E neste processo, a leitora e a pesquisadora, a integrante dos clubes e a aprendiz de antropóloga foi se constituindo de forma entrelaçada. Quais tipos de associações e experiências as pessoas buscam num clube de leitura? Essa foi a questão que guiou o trabalho de campo e se constituiu no objetivo da pesquisa.

A leitura, como diversos autores já nos ensinaram, é uma atividade essencialmente social (CHARTIER, 1999; DARNTON, 1992; PETIT, 2013). A leitura possui uma história e os clubes de leitura contemporâneos são parte dela, tanto quanto as associações literárias do século XVIII, os salões culturais do século XIX ou os círculos literários do século XX. A revisão bibliográfica e a fundamentação teórica com base na história cultural nos mostrou a continuidade dos processos de leitura em todos esses agrupamentos. Mas essa mesma bibliografia descortinou as discontinuidades nas apropriações dos livros e das leituras. A pesquisa empírica, conduzida de dentro e de perto no campo (MAGNANI, 2002) permitiu perceber as singularidades dos usos da leitura nos clubes, numa cidade média, no interior do Paraná.

Maringá, localizada no norte do Paraná, é uma cidade de porte médio, com aproximadamente 430 mil habitantes, conforme os dados do ano de 2020, divulgados pelo IBGE. O município tem cerca de 488 km², densidade demográfica de 733 habitantes por km² e é conhecida e reconhecida por ter sido criada como uma cidade planejada e de urbanização recente, característica muito valorizada no discurso oficial do município e também entre seus habitantes. Maringá possui um alto índice de Desenvolvimento Humano Municipal, de 0,808 conforme os dados mais recentes, do ano de 2010, e também alto índice de escolarização, atingindo mais de 98% da população entre 6 e 14 anos (IBGE, 2010). É nesse contexto de uma cidade considerada como a melhor cidade para se viver, entre os 100 maiores municípios brasileiros e revelada pelo ranking Macroplan 2021, metrópole regional, com população escolarizada, mais de uma dezena de instituições de ensino superior privadas, uma universidade pública, seis bibliotecas públicas municipais, cerca de oito livrarias e pelo menos cinco sebos,

e uma Festa Literária Internacional que acontece de forma ininterrupta desde 2014 que se formam, nos últimos anos e se mantém, ao menos durante o período de realização dessa pesquisa, conduzida entre 2019 e 2020, ao menos seis clubes de leitura. Três foram escolhidos como campo de investigação para esse trabalho e um deles foi frequentado, vivenciado e transformado em campo específico de observação participação, de inspiração etnográfica.

Cerca de vinte ou trinta pessoas frequentam de forma assídua cada um dos três clubes observados. Algumas pessoas participam de mais de um clube de leitura. De forma geral, são adultos e jovens com alta escolarização, ou estudantes universitários, funcionários públicos e profissionais liberais, empregados em profissões urbanas, e embora eles tenham um modo semelhante de organização dos encontros, em cada um deles se produz relações diferentes, seja por conta dos livros escolhidos ou pelo papel dos mediadores e mediadoras dos clubes, seja ainda pelo local de encontro, variando entre cafés, livrarias ou bibliotecas da cidade. Cada encontro dura cerca de três horas.

O quadro teórico construído, o objetivo formulado e a pesquisa empírica conduzida permitiram apreender a dinâmica dos clubes de leitura como significativa tanto para os processos subjetivos de leitura quanto para sua expressão num espaço compartilhado. Esse entrelaçamento entre espaços íntimos e espaços públicos permite que os clubes sejam apreendidos na constituição de um circuito de leituras como um “pedaço” (MAGNANI, 1998), um lugar onde se criam laços, sentimentos de pertencimento e reconhecimento e onde se pode articular a ficção da literatura com as tramas do cotidiano urbano, com as experiências da infância e com as projeções que se faz para o futuro.



Figura 1. Encontro de Clube de Leitura Macondo realizado em 2019 na Biblioteca Municipal Bento Munhoz, em Maringá. ¹Acervo Márcia Soares.

¹ Fotografia original transformada pela autora em imagem aquarelada por meio software de edição de imagens Gimp versão 2.10

2 PRÁTICAS DE LEITURA: LIVROS, LITERATURA E LEITORES COMO ELEMENTOS FORMADORES DOS CLUBES DE LEITURA

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados

Roger Chartier



Figura 2. Encontro de Clube de Leitura Macondo realizado em 2019 na Biblioteca Municipal Bento Munhoz, em Maringá².

Acervo Márcia Soares.

A leitura está integrada ao cotidiano. Lê-se uma mensagem no celular, um cartaz na rua, uma receita para o almoço, um cardápio do *delivery*, uma bula de medicamento, um anúncio de promoção de supermercados, um rótulo do shampoo, um manual de instruções do jogo de tabuleiro ou do mais novo lançamento do videogame. Dito dessa maneira, a leitura parece uma habilidade inata do ser humano, mas não é. Aprende-se a ler. E essa aprendizagem nem sempre é harmoniosa. A leitura tem uma história, de muitos conflitos. Ela é uma prática. Ela molda os

² Fotografia original transformada pela autora em imagem aquarelada por meio software de edição de imagens Gimp versão 2.10

gostos. Ela é um elemento da vida social. Ela se realiza no mundo e em seus suportes. Dentre eles, o suporte mais consagrado: o livro.

Aqueles que estudam a leitura destacam que essa prática traz consequências sobre o indivíduo, modificando sua condição aos aspectos sociais, políticos e culturais (PETIT, 2013; FAILLA, 2016). O ato de ler, afirmam os pesquisadores, educadores, psicólogos, escritores e os próprios leitores, incorpora novas ideias, novos conceitos e uma nova visão acerca dos indivíduos, dos fatos e do mundo de forma geral. Para as políticas públicas e de educação a leitura é colocada como pré-requisito na convivência, pois ela é um dos principais veículos de acesso à cidadania, pois se o indivíduo não a dominar, além das dificuldades de enriquecimento intelectual e cultural, terá dificuldade para inserir-se socialmente (PCN, 2001). Em um país desigual como o Brasil, o cidadão que não consegue compreender o que tentou ler terá suas ações menos valorizadas socialmente e sofrerá ainda mais consequências da desigualdade.

Considerando essas perspectivas, nossas leituras e minha própria experiência como leitora, defino a leitura um elemento de transformação, libertação e humanização. Depositam-se grandes esperanças no ato de leitura. Ela desenvolve a imaginação, sensibilidade e memória, sendo por meio de contato com os livros que se adquire vocabulário e conhecimento para se fazer a própria leitura do mundo, de forma autônoma e crítica. (FAILLA, 2016, p.21). Por meio da leitura o indivíduo é inserido no contexto social e cria involuntariamente o hábito de buscar por novas informações, assim a importância da leitura encontra-se no fato de que particularmente cada indivíduo tem seu próprio momento de descoberta do mundo através da leitura.

Quando se fala em leitura, o livro emerge como o suporte dos suportes. Ele é o herdeiro da estrutura de cadernos do códex (CHARTIER, 1999, p.7) e não seria exagerado afirmar que é um elemento fundamental de constituição do mundo moderno ocidental (DARNTON, 1995). Na vida contemporânea, o livro é um dos objetos mais transformados pelo o que vem sendo chamado de revolução digital (CHARTIER, 1999, p.13). Amado, odiado, temido, venerado, o livro não passa despercebido.

Algo muito difundido entre os profissionais da educação é a constatação de que uma pessoa, para tornar-se se um leitor, deve ter contato físico e precoce com os livros. Contudo, de acordo com Petit (2013) “[...] a leitura pode ser, em qualquer idade, um atalho privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio, um espaço íntimo, privado. Como dizem os leitores: a leitura permite elaborar um espaço próprio, é um quarto para si mesmo”. E dentro desse espaço

íntimo, podemos dar sentido às nossas vidas, então cabe perguntar, como esse espaço pode ser construído?

Se essa pergunta for direcionada à leitura, uma hipótese seria considerar que tal espaço se constrói a partir de fragmentos que se adquire pelo hábito de ler. Quando se pratica a leitura, pode-se experimentar o sentimento de pertencer a algo ou alguma coisa e, ao experimentar esse sentimento, a relação com o mundo é transformada, e mesmo sendo a leitura realizada como um ato solitário, ela não nos isola do mundo, pelo contrário, nos joga para dentro dele (PETIT, 2013). É o sentimento de experimentar uma das propriedades da própria linguagem e como a define Marisa Lajolo: “[...] a capacidade de simbolizar e de, simbolizando, simultaneamente afirmar e negar a distância entre o mundo dos símbolos e o dos seres simbolizados” (LAJOLO, 2018, p.47).

Sendo assim a prática da leitura é a oportunidade de se encontrar um tempo para si mesmo, tempo para imaginar outras possibilidades e aprimorar o espírito crítico. Ler é um atalho que nos leva a elaborar nossas singularidades, mesmo pertencente a um grupo, sociedade ou etnia. Petit nos diz que:

A leitura pode contribuir para elaboração de uma identidade, que não se baseia no mero antagonismo entre “ele” e “nós”. Pode elaborar uma identidade que não se está reduzido a apenas laços de pertencimento, é nos levar a construção de uma identidade plural, mais adaptável, aberta ao jogo e às mudanças. (PETIT, 2013, p.55).

É importante destacar, porém, de qual leitura Petit nos fala. Não se trata aqui da leitura dos rótulos de remédios, do letreiro do ônibus ou do anúncio da revista. É a leitura literária que está em foco, mesmo foco apresentado por Marisa Lajolo ao escrever:

A literatura é porta para variados mundos que nascem das inúmeras leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. (LAJOLO, 2018, p. 55-56).

Considerando essas autoras, encontramos a ideia da leitura como uma abertura para o outro, sendo alicerce para intercâmbios. Por meio dela nos consolamos da vida, das histórias que não vivemos diretamente, mas experimentamos com as histórias dos outros. Petit nos aponta sobre esse momento em seu livro *Os jovens e a leitura*, quando nos fala do espaço íntimo que a leitura nos cria, “[...] esse espaço íntimo nos dá um lugar. A partir daí, essa outra maneira de ocupar o tempo que nos é dado quando lemos, temos uma outra percepção do que nos cerca” (PETIT, 2008, p. 40). O ato de ler seria, fundamentalmente, um ato de conhecimento, que

implica em perceber, entre outras coisas, as forças e as relações no mundo da natureza e dos homens, entre o mundo dos próprios homens e, por que não, entre esse mundo e o além.

O acesso ao livro e a leitura não se dá de forma espontânea. Ele necessita de processos de mediação, os mais diversos. A mediação pode se dar no interior da família, por meio da escola ou de outra instituição mediadora da leitura. Quando o indivíduo não teve a sorte de dispor de livros em casa, de ver seus pais lerem, ou de ouvi-los contando histórias, podem ter suas vidas transformadas a partir do encontro com alguém ou uma instituição que possa permear essa mediação, e esse alguém pode ser de outro meio social, pode ser um professor em uma relação personalizada e mais singular, podendo ser também por um bibliotecário, multiplicando as possibilidades de mediação que promovam o acesso ao livro e a leitura, despertando na pessoa o desejo de se relacionar com o livro e a leitura. A leitura também faz sentido para aqueles que leem pouco, e que embora não dediquem muito tempo a essa atividade, podem ter seu cotidiano transformado pois as palavras encontradas em um livro podem influenciar o curso de uma vida, como já nos mostrou Eclésia Bosi (1981) em seu estudo clássico sobre as leituras de operárias. Mas Bosi mostrou também que para essas operárias, encontrar um tempo para a leitura em meio a um cotidiano marcado por longas jornadas, transporte difícil, baixos salários é bastante difícil.

Como fazer para que uma pessoa se torne um leitor, apesar de tantos obstáculos? Esse é um fator que pode estar diretamente ligado ao meio social, quando se vive em um ambiente desfavorecido, mesmo que essa pessoa tenha formação escolar, ainda assim pode se deparar com dificuldades que vão da fadiga extrema à escassez de livros em casa e a ideia equivocada de que a leitura não é para ele. As pesquisadoras Maria Matos e Nayara Santos conceituam:

[...] para a formação do leitor, é de fundamental relevância a participação do ‘outro’, ou seja, a família, a escola e demais espaços envolvidos no ensino e na prática da leitura, que devem desenvolver atividades que desencadeiem, apoiem e orientem a ação e reflexão do indivíduo, transformando-o em leitor. (MATOS; SANTOS, 2006, p.63).

Deste modo, sabemos da importância da leitura compartilhada, e em voz alta, Petit nos fala que aqueles para quem a mãe lia em voz alta teriam grandes possibilidades de se tornarem leitores.

Sabemos também da importância dos intercâmbios dos livros, em particular das leituras em voz alta, na França aqueles que a mãe contou uma história toda noite tem o dobro de probabilidade de se tornarem grandes leitores do que aqueles que praticamente nunca passaram por essa experiência. A importância de ver adultos lendo com paixão também se manifesta nos relatos dos leitores. Muitas vezes nos tornamos

um leitor porque vimos um parente, um adulto mergulhado nos livros, e a leitura aparece como um meio de aproximar dele e de apropriar-se das qualidades que lhes atribuímos. (PETIT, 2013, p.35).

Dentre as diversas experiências que a leitura proporciona ao ouvinte, está o processo empático, pois ao se pôr no contexto de ouvir histórias esse ouvinte se distancia das agitações cotidianas, momento esse em que a imaginação e a fantasia têm livre curso, então, lhe é permitido imaginar outras possibilidades, inclusive, a de ser tornar ele próprio um leitor. “Por isso, faz sentido pensar no contador de histórias como um mediador de leituras”, afirma a professora Eliana Yunes (2015, p.200). Ela, que criou o Programa Nacional de Leitura para a Biblioteca Nacional e dirigiu a Cátedra Unesco de Leitura no Brasil entre os anos de 2006 e 2013 destaca:

O Programa Nacional de Leitura (Proler), em seus inícios na Biblioteca Nacional do Brasil, propôs que autores clássicos da literatura brasileira fossem oralizados por vozes distintas como forma de aproximar não leitores do gozo e do gosto da palavra escrita. Lemos por várias semanas Machado de Assis, Adélia Prado, Lygia Bojunga, entre outros. Em um fim de sessão, fomos surpreendidos por um electricista terceirizado da casa que nos pedia uma cópia do conto que relatava uma passagem de sua vida: era um conto de Machado de Assis. Assim como Clarice Lispector “contada” pareceu ao público bastante “legível, bem diferente da autora difícil de quem todos falam (Yunes, 2015, p.200)

2.1 Das práticas de leitura aos livros

Esta não é uma dissertação sobre a história dos livros, mas esse trabalho não existiria se não fossem eles. Afinal, os livros estão no centro dos laços de palavras que identifiquei no trabalho de campo realizado junto a pessoas que se reúnem aos finais de semana, em bibliotecas, livrarias e cafés na cidade de Maringá e, recentemente, por conta da pandemia da Covid-19 a partir de suas casas, em salas de videoconferência, para falar sobre livros e sobre leitura os clubes de leitura se organizam a partir dos livros. Por essa razão, este primeiro capítulo se dedica um pouco a eles. Nesta pesquisa, livro e leitura aparecem de modo muito articulados. Afinal, os clubes de leitura são entrelaçados de leitores e livros.

Como delimitação do meu objeto, se eu pudesse fazer uma grande viagem panorâmica, eu saltaria dos picos da revolução de Gutenberg, no século XV, a expansão dos impressos no século XVIII, a criação da enciclopédia e a mecanização na impressão e na produção do papel, o crescimento de jornais e revistas (BURKE, 2003). São processos que inventaram o livro. E

se o livro não inventou a leitura, ele certamente a transformou profundamente. Dada a importância do livro ao longo da história, ele se tornou um objeto de consumo cotidiano.

O livro provou ser uma das tecnologias mais úteis, versáteis e duradouras da história. Hoje seria difícil imaginar como alguns dos momentos decisivos da história ocidental poderiam ter ocorrido sem ele. O Renascimento, a Reforma, a Revolução Científica e a era do Iluminismo valeram-se todos da palavra impressa para sua difusão e influência permanente (CHARTIER, 1998).

Se a escrita é conhecida há muitos séculos, o livro é relativamente recente na história da humanidade. Uma das primeiras revoluções do livro foi o códice, originário do mundo cristão dos séculos II e III, quando o livro deixou de ser um rolo ou um volume, e tornou-se uma coleção de folhas individuais frouxamente unidas entre si. O códice era um livro com páginas a serem viradas em vez de uma longa tira de material a ser desenrolado, ele revolucionou o conceito do livro e nos deu uma nova forma material que perdurou por séculos. Segundo Roger Chartier, o livro impresso, pode ser considerado como uma versão do códice, levando em conta que mantém praticamente todas as condições materiais deste, tendo mudado somente sua forma de produção. A industrialização da produção do livro no século XIX constitui outra revolução do livro. Uma série de mudanças tecnológicas transformou a impressão e a produção do papel, e as ferrovias criaram novas oportunidades de distribuição e comercialização em escala nacional e internacional.

Algo que o livro proporcionou foi a lenta transição da leitura oral para leitura silenciosa. Os historiadores acreditam que, no mundo antigo, os livros eram lidos em voz alta ou declamadas em público por oradores treinados, a leitura era uma performance na Europa medieval, os monges gradualmente começaram a adotar a prática da leitura silenciosa como elevação, então os textos que eram escritos interrompemente começaram a ganhar uma pontuação rudimentar e espaço entre palavras, essas mudanças facilitaram a leitura silenciosa individual e permitiram que oradores menos experientes lessem os textos com mais facilidade. Conforme relata Chartier:

[...] o livro impresso continua muito dependente do manuscrito até por volta de 1530, imitando-lhe a paginação, as escrituras, as aparências e, sobretudo considerando-se que ele deve ser acabado a mão: pela mão do iluminador que pinta iniciais com ornamentos ou histórias e miniaturas; a mão do corretor ou emendador, que acrescenta sinais de pontuação, rubricas e títulos; a mão do leitor, que inscreve sobre a página notas e indicações marginais. Por outro lado, e mais fundamentalmente tanto antes como depois de Gutenberg, o livro é um objeto composto por folhas dobradas, reunidas em cadernos colados uns aos outros. (CHARTIER, 1998, p. 98)

A revolução eletrônica³, por fim é a maior mudança desde o códice, pois mudou a forma física do livro, ao remover o material de suporte tradicional que é o papel. As revoluções na comunicação eletrônica suscitaram respostas e temores similares aos despertados pela interação da imprensa há 500 anos. Por um lado, a internet oferece um campo ilimitado para a produção e disseminação de conhecimento, o recente ritmo de mudança se apresenta espantosamente rápido. Assim, os livros impressos se servem das novas tecnologias para manter sua eficiência e atender as demandas dessa sociedade. Através da impressão digital, títulos muito antigos tem a oportunidade de voltar a circular. Muito oportunamente Thompson define:

[...] livros que haviam sido abandonados muito antes, de repente ganharam um novo sopro de vida. É uma das grandes ironias da revolução digital o fato de que, muito longe de preannunciar a morte do livro, uma de suas mais importantes consequências foi dar ao livro impresso uma nova perspectiva de vida [...]. (THOMPSON, 2013, p. 360).

Dessa forma o desenvolvimento tecnológico de ambos os suportes, impresso e digital, faz com que ambos se interajam e integrem-se a partir do momento que indivíduo passa a ter contato com as duas formas simultaneamente. Portanto dado a importância do livro ao longo da história, ele se tornou um objeto de consumo cotidiano. Sendo assim temos prova científica da superioridade dos livros sobre qualquer outro objeto que nossas indústrias culturais puseram no mercado nesses últimos anos.

Logo, se pudermos citar alguma coisa que seja facilmente transportável e que deu provas de sua capacidade de resistir as vicissitudes do tempo, escolha-se o livro.

Diversas suposições em relação à morte anunciada do livro talvez expliquem o interesse redobrado de pesquisadores pelo tema, principalmente os identificados com a História Cultural (CHARTIER, 1996; DARNTON, 1990). Tais estudos destacam que a substituição de um suporte de texto por outro, rolos de papiros, códices, telas de computadores, pode significar a perda, não só desse objeto, mas do mundo de que ele fez parte um dia (ZILBERMAN, 2001), ao escrever sobre esta previsão do fim do livro, comenta que as profecias que anunciam esta possível aniquilação do material impresso abarcam duas vertentes: a que se entusiasma por revelar um mundo promissor vinculado às maravilhas tecnológicas e outras que temem um desaparecimento de tradições, de uma cultura que se agrega em torno do impresso.

³ Lyons (2011, 10) destaca que a industrialização da produção de livros no século XIX pode ser considerada uma revolução. Um conjunto de mudanças tecnológicas transformou a impressão e a produção do papel. A revolução eletrônica é entendida como a maior mudança desde o códice, no momento em que removeu a forma física do livro ao desvinculá-lo do material papel.

Os caminhos dos livros até os leitores e os projetos editoriais que eles assumem, a cada edição, têm sido também investigados à luz da História Cultural, por autores como Abreu (2003) e Correa (2006), entre outros. São trabalhos que se apoiam na ideia de que livros se transformam, seguindo praticamente um mesmo circuito e que eles circulam e cruzam fronteiras da censura, da ilegalidade, das classes sociais e dos interesses dominantes, bem como dos limites geográficos.

Mas, de modo geral, os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é livreiro que assume este papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato da composição. (DARNTON, 1990, p. 112).

No campo das práticas e representações ligadas ao mundo da leitura, o livro ganha destaque por sua materialidade, pois é preciso:

[...] que a atenção se volte para a maneira como se dá o encontro entre o ‘mundo do texto’ e o ‘mundo do leitor’ - para retomar as palavras de Paul Ricoeur. Reconstruir em suas dimensões históricas um tal processo exige, em primeiro lugar, considerar que suas significações dependem das formas e das circunstâncias por meio das quais os textos são recebidos e apropriados por seus leitores (ou seus ouvintes). Estes últimos nunca são confrontados com textos abstratos, ideais, desligados de qualquer materialidade: eles manipulam objetos, ouvem palavras cujas modalidades governam a leitura (ou a escuta) e, ao fazê-lo, comandam a possível compreensão do texto. [...] é preciso considerar que as formas produzem sentido e que um texto se reveste de uma significação e de um estatuto inédito quando mudam os suportes que o propõem à leitura. Toda história das práticas de leitura é, portanto, necessariamente uma história dos objetos escritos e das palavras leitoras. [...] Longe de uma abordagem fenomenológica que apaga as modalidades concretas da leitura, considerada como um invariante antropológico, é preciso identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores, as tradições de leitura, as maneiras de ler. (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 6).

Sobretudo, é difícil empregar o termo objeto quando nos referimos aos textos eletrônicos, pois existe sim um objeto que é a tela sobre o qual o texto é lido, mas esse objeto não é mais manuseado diretamente pelo leitor. O texto inscrito na tela cria uma distribuição, uma organização e uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com o qual o leitor se deparava ao ler em um rolo da antiguidade, ou o leitor moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de uma estrutura de cadernos, folhas e páginas.

Vinculado ao livro estão os modos de leitura que nele se efetivam ou se efetivaram. Os livros tornam-se objetos carregados, não apenas de um escrito, de conteúdo textual, mas também de uma ação leitora sobre/com a materialidade. Como objeto cultural, o livro ganha formas e sentidos diferentes quando interpretados no interior de distintas comunidades de

leitores, em tempos e lugares distintos. No campo das representações, “configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos” (CHARTIER, 1996, p. 23), o livro adquire uma diversidade de sentidos. Diferentes grupos atribuem significados distintos a esse material.

Portanto evidencia-se que esses traços, indicam que a revolução do livro eletrônico, é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito, assim como nas maneiras de ler. Desta maneira livros eletrônicos são totalmente diferentes do impresso, porque aquele livro não foi feito para uma única vertente, no caso a impressa e sim para ser compartilhado por diversas telas como smartphones, tablets e computadores, e assim o leitor pode confrontar, extrair e até mesmo ler em fragmentos, sem precisar se remeter a totalidade a qual ele pertence, podendo ainda se torna seu coautor. A facilidade com que acessamos os livros digitais rompe com a forma do livro que temos impressos e com um texto integralizado, podendo o leitor fazer as anotações somente nas laterais das folhas, sem, contudo, alterar o conteúdo da obra.

Essa descontinuidade a partir da criação dos livros eletrônicos, influenciou a história da cultura escrita, tanto relativa à forma do livro, dos textos, quanto as práticas de leitura. Então a revolução eletrônica, torna-se também uma revolução da leitura, ler por uma tela não modifica somente a materialidade do livro, ela substitui a imaterialidade dos textos por uma composição fragmentada, de modo que vemos a relação entre fragmento e totalidade ser completamente alterada pela passagem do códex para a tela.

Deste modo o texto eletrônico permite um maior distanciamento com relação ao escrito, nesse sentido, a tela aparece como ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo, tornando-se uma relação não corporal.

Portanto do antigo rolo ao códex medieval, do livro impresso ao livro eletrônico várias rupturas dividem a longa história das maneiras de ler (CHARTIER, 1998). A partir do momento em que se transforma uma revista, um periódico, um livro em um texto eletrônico, acessível por uma tela e propagado por uma rede, parece que se pode dispensar a conservação do objeto material, já que o texto (de qualquer modo) subexiste.

No entanto, alerta Chartier, que se cria aí uma preocupação, pois a forma do objeto escrito dirige o sentido que os leitores podem dar aquilo que leem. Após me debruçar sobre os escritos e o livro: As aventuras do livro: do leitor ao navegador, já não será mais possível deixar de considerar a longa e complexa cadeia de práticas e objetos, que envolvem a produção escrita. Considerando que a compreensão do que se lê, passa pelo filtro cultural do leitor, como afirmou

Chartier (1998, p.152) “[...] a relação do leitor com o texto, dependerá do texto lido, e dependerá também do leitor, de suas práticas e competências.

A materialidade do livro apesar de não estar em jogo ela convive com outra forma denominada hipertexto e seus suportes como tela de computador, smartphones e e-books. Como afirma Paulo Vaz (2002), “sua abertura material implica que o fechamento da narrativa se faz através das escolhas de percurso do usuário”, modelo que introduz a possibilidade de intervenção, edição e acréscimo, podendo resultar em co-autoria. “[...] Seu efeito autoriza suplantar a perspectiva narcisista com que alguns artistas, incluindo a literária, vinham sendo entendidas até recentemente” diz Zilberman (2001). Podendo ser lembrado aqui que com o advento das novas tecnologias os questionamentos dos direitos autorais tornam-se premente.

Para muitos, o livro enquanto objeto afasta demônios e maus pensamentos, cura doenças, irradia luz e sabedoria, dá status e poder a quem o expõe (FABRE, 1996). Para um determinado grupo, por exemplo, pode representar conhecimento e intelectualidade, ser um objeto de estudo, informação, enquanto que para outros poderá representar sabedoria divina, sagrada que exigirá respeito e devoção. O livro, pelas práticas que incita e pelo poder que culturalmente a ele foi agregado, já foi visto por muitos olhos atemorizados, queimado em praças públicas, interditado, recolhido depois de impresso; despertou a desconfiança, o medo, a ira, a discórdia por não mais poder ser controlado por aqueles cuja autoridade e o conhecimento lhes fora reservado.

Futuros historiadores encontrarão nos imensos bancos de dados das bibliotecas digitais, dos suportes digitais, o número de downloads de cada livro. Mas ainda assim, será necessário investigar como esses livros foram lidos e de que forma entraram em circulação nas histórias das ideias e nas relações de sociabilidade, como já fizeram e ainda fazem os historiadores do livro e da leitura. O livro é suporte da escrita e de maneiras de ler.

2.2 Livros como objetos de consumo

Por consumo pode entender-se o ato de apropriação e/ou utilização (geralmente de caráter aquisitivo, implicando uma troca), de um determinado bem ou serviço, por parte de um ou mais indivíduos, com vista a satisfação de necessidades materiais, ou, “qualquer atividade envolvendo seleção, compra, uso, manutenção, reparação e distribuição de qualquer produto ou serviço” (CAMPBELL, 1995, p 104). Ao se tentar explicar o consumo pode implicar o estudo da satisfação de necessidades e desejos, da comunicação e distinções sociais, do reforço de padrões de superioridade e inferioridade entre os indivíduos e grupos, da simbolização de

sucesso ou poder, assim como expressão de estados de espírito ou de formas de comunicação interpessoal.

O consumo segundo Nestor Canclini, pode ser definido como um conjunto de processos socioculturais nos quais se realizam a apropriação e o uso dos produtos para atender as necessidades da sobrevivência humana. A atividade de consumir passou a ser o ponto central da existência humana quando a capacidade de “querer”, “desejar”, e particularmente, experimentar emoções diversas vezes passou a sustentar a economia mundial (CANCLINI, 1997).

Alguns autores estudaram o fenômeno da globalização e sua relação com o consumo, pois com a globalização a comunicação foi facilitada e dessa forma os valores culturais podem ser alterados. Quando selecionamos os bens e nos apropriamos deles definimos o que consideramos publicamente valioso, assim como nos integramos e nos distinguimos na sociedade. Assim, os meios eletrônicos irrompem as massas populares na esfera pública e deslocaram o desempenho da cidadania em direção às práticas de consumo (CANCLINI, 1997).

Hoje seria impensável consultar uma lista telefônica, ou um mapa que nos auxiliavam na localização de ruas desconhecidas, os hábitos sociais se transformaram, e o hábitos de consumo acompanharam essas mudanças. Compreender como funcionam essas relações sob o viés das Ciências Sociais é um grande diferencial, pois ela analisa o comportamento humano em sua integridade, no respeito a pluralidade de ideologias, onde o consumidor é compreendido como pessoa antes de tudo.

Dada evolução do livro no mundo e sua importância ao longo da história, esta pesquisa apresenta o livro como um bem de consumo, sob a ótica de alguns autores das ciências sociais, onde trataremos o livro sob a perspectiva de bem de consumo a partir do momento em que passa a contribuir e facilitar as relações de sociabilidade, pois na atualidade consumir se torna uma necessidade mais absoluta do que relativa.

A economia nos ensina, que poderíamos mergulhar mais profundamente na experiência cotidiana das pessoas explorando as diferentes maneiras como cada um aprende a consumir novos bens e serviços.

Ainda associando o consumo como mediador social podemos relaciona-lo também a cultura material, Miller vê no entendimento da cultura material contemporânea enquanto consumo e os diferentes usos a que ela é posta, uma avenida para o processo de retomada de nossa autonomia frente forças históricas. Portanto, trabalha no registro das implicações

sociológicas dos objetos na nossa vida contemporânea em uma área entre a dimensão cultural e suas relações com a criação da subjetividade (MILLER, 2002).

Ao pensarmos a materialidade como cultura, caminhamos para nos tornarmos com as coisas, refletindo a materialidade como condição fundamental dos seres humanos, pois as realizações da humanidade sempre foram intermediadas pelas coisas, e hoje nos relacionamos cada vez mais por meio delas, devido à nossa capacidade de acumular conhecimento e convergir conhecimento em ações.

Desta forma ao descrever o livro como bem de consumo, relacionamos o consumo ligado ao simbólico, no sentido de pertencer, de mediador nas relações de sociabilidade, onde o ato de consumir um livro, pode ser visto como vínculo de afetos, por onde levará o indivíduo por transformações pessoais e relações sociais, assim as atividades de consumo, são revestidas de carga simbólica, estabelecem relações de reciprocidade. Sendo que as relações de afeto podem ser moldadas com a prática do consumo, como também nossas próprias identidades na sociedade.

Os bens são vistos como comunicadores de valores sociais e categorias culturais. Possuem a capacidade de tornar visíveis e estáveis determinadas categorias culturais. Todas as escolhas de consumo refletem julgamentos morais e valorativos culturalmente dados. Eles também têm a capacidade de carregar significados sociais relevantes, demonstrando algo sobre o indivíduo: seu grupo social, sua família, sua rede de relações de forma geral. (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009).

Desta forma, os autores partem da suposição de que os bens carregam significados sociais, por isso, a parte principal do seu uso concentra-se na capacidade de vê-los como comunicadores. Os bens são mais do que meios de subsistência, são meios de exibição competitiva. “Todos concordam a respeito dessa abordagem dos bens, que sublinha o duplo papel de provedores da subsistência e de marcadores das linhas de relações sociais...” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p.106).

Os bens e seus nomes são parte de um sistema de informações. Os indivíduos precisam estar presentes nos serviços de marcação, nos rituais de consumo dos outros para poder pôr em circulação seus próprios juízos sobre a conformação das coisas utilizadas e para celebrar as várias ocasiões. Que os bens são essenciais para subsistência todos sabem, por outro lado, mantêm outras funções importantes: os bens são capazes de estabelecer e manter relações sociais. “O homem precisa de bens para comunicar-se com os outros e para entender o que se passa à sua volta” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2009, p. 149).

Segundo Bauman (2003), na vida moderna as pessoas se identificam e se reúnem, de acordo com suas práticas de consumo, assim sentimentos como pertencimento pode interferir na construção de valores e atitudes, a construção da identidade é um processo sem fim, possível de experimentação e mudança, de caráter não definitivo, fazendo com que ela seja construída continuamente ao longo da vida, ademais a premissa fundamental do consumo numa visão antropológica, é a de que, na esfera do consumo, homens e objetos adquirem sentido e produzem significações e distinções sociais (ROCHA, 2005). Em suma são os objetos que trazem presença e/ou ausência de identidades, visões de mundo e estilos de vida. A prática de consumo observado dentro dos clubes, não se trata de consumir por status financeiro e sim como forma de pertencimento, pois consomem para pertencer ao clube e aos momentos de leitura compartilhada e interações sociais.

Ao considerarmos o livro como bem de consumo, compreendemos o consumo como uma espécie de facilitador, propiciador, “construtor” e “articulador” de relações sociais, portanto, a ideia de compreender as experiências de consumo no plano cultural e simbólico implica atrelar significados dessas dinâmicas de sociabilidade as quais se entrelaçam.

2.3 Da história dos livros e de volta às práticas de leitura

A história da leitura se tornou um campo de estudo profícuo a partir de 1970, sobretudo com a historiografia desenvolvida na França que passou a ser conhecida como nova história, ou nova história cultural, que tinha como foco novos objetos de estudo, novas abordagens. Um desses novos objetos foi exatamente a “prática de leitura”, como nas várias épocas da história humana a prática da leitura foi se transformando de acordo com a construção social de cada uma dessas épocas.

A história das práticas de leitura está intimamente relacionada a história dos suportes de acomodação da escrita. Esses suportes podem ser desde as tabuinhas com escrita cuneiforme da antiga Mesopotâmia até a escrita virtual dos monitores de computador, passando por rolos de papiros, códices, escritos em pedra, escritos em couro, entre outros. Esses suportes determinaram, ou contribuíram decisivamente para moldar a prática de leitura em cada época específica. Por exemplo, nas sociedades antigas, em que a escrita era um privilégio de sacerdotes, escribas e demais pessoas ligadas a funções hierárquicas, a leitura era, por definição, uma prática oral e coletiva. Lia-se em voz alta para uma grande quantidade de pessoas,

aprendia-se com maior frequência, e de cor vários textos literários, como era o caso da educação das crianças em Atenas, que decoravam e recitavam trechos das epopeias de Homero.

A prática da leitura silenciosa, isto é, o hábito da leitura individual e em silêncio, só nasceu com os monges na Idade Média. Os historiadores acreditam que, no mundo antigo, os livros eram lidos em voz alta ou declamadas em público por oradores treinados, a leitura era uma performance na Europa medieval, os monges gradualmente começaram a adotar a prática da leitura silenciosa como elevação, então os textos que eram escritos interrompemente começaram a ganhar uma pontuação rudimentar e espaço entre palavras, essas mudanças facilitaram a leitura silenciosa individual e permitiram que oradores menos experientes lessem os textos com mais facilidade. Os monges tinham por dever a cópia, isto é, a réplica de manuscritos, fossem clássicos (gregos e romanos) ou cristãos, e o ornamento dos códices (livros em que era inserida a cópia) com iluminuras (arte de ilustração dos códices), necessitavam de um ambiente silencioso que favorece a leitura atenta e a precisão do trabalho (CHARTIER, 1998). Conforme relata Chartier:

[...] o livro impresso continua muito dependente do manuscrito até por volta de 1530, imitando-lhe a paginação, as escrituras, as aparências e, sobretudo considerando-se que ele deve ser acabado a mão: pela mão do iluminador que pinta iniciais com ornamentos ou histórias e miniaturas; a mão do corretor ou emendador, que acrescenta sinais de pontuação, rubricas e títulos; a mão do leitor, que inscreve sobre a página notas e indicações marginais. Por outro lado, e mais fundamentalmente tanto antes como depois de Gutenberg, o livro é um objeto composto por folhas dobradas, reunidas em cadernos colados uns aos outros. (CHARTIER, 1998, p. 98).

Desde então, essa prática de leitura silenciosa laicizou-se, tornou-se comum, sobretudo após a invenção da imprensa por Gutenberg no século XV. No século XVIII, a prática de leitura tornou-se um hábito realmente popular e com grande impacto na sociedade. Bastando dizer que a leitura de panfletos políticos e filosóficos dos iluministas mobilizou em grande parte a burguesia francesa à ação revolucionária de 1789.

Saber quais livros foram lidos, quem os lia, de que modo eram lidos, isso se tornou objeto de investigação da história cultural. Quais livros são lidos, de que modo e por que, são objeto de investigação da sociologia da leitura (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010).

Dentre as pesquisas que mais destacaram as práticas de leitura, a circulação de ideias políticas por meio dos livros e da leitura se tornou um dos objetos de investigação de Robert Darnton e de como tais ideias ficaram inseridas no cotidiano de pessoas comuns tem uma relação com o que o autor chamou de uma revolução literária que acompanhou outras revoluções sociais e políticas no século XVIII.

As práticas de leitura constituem-se de experiências sociais da escrita posta em funcionalidade nas interações que realizam com os distintos suportes do escrito que atravessam o seu cotidiano. Assim ao olharmos e refletirmos sobre a história da cultura escrita, das práticas culturais e sociais envolvidas, os suportes dos textos dados a ler e as atribuições de sentido implicadas nesse complexo processo em jogo, nos atos de leitura e na constituição de sujeitos leitores.

Ao compreendermos a prática de leitura como uma prática cultural que possibilita produções e apropriações diferenciadas, de acordo com cada sujeito e o contexto de sua realização, podemos pensar que o ato de leitura não se dá apenas na relação direta do sujeito leitor alfabetizado com o texto que comunica, pois, de acordo com Chartier (2004), as práticas de leitura se estendem para os atos de ler, ver ler e ouvir ler, sem que existam hierarquias entre estes atos.

Darnton ampliou as possibilidades metodológicas de investigação histórica sobre a leitura. Anotações encontradas em pé de páginas, cartas pesquisadas em arquivos, registros de bibliotecas, resenhas publicadas em jornais, são vestígios de práticas e modos de leitura. Os livros estavam integrados a um sistema de comunicação que formou parte da opinião pública, afirma Darnton, não eram os únicos elementos, mas eram elementos centrais dos processos revolucionários do setecentos. A história da leitura, ele nos ensina, está relacionada com uma história mais ampla da comunicação (DARNTON, 1995). E, principalmente, a leitura possui uma história, como ele afirma (DARNTON, 1999).

A leitura não se desenvolveu em uma só direção, a extensão. Assumiu muitas formas entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda simplesmente para se divertir (DARNTON, 1999, p.212).

Compreender a leitura em um contexto histórico, social e econômico é pensar que “as capacidades de leitura postas em funcionamento num determinado momento por determinados leitores, frente a determinados textos, são historicamente variáveis” como afirma Chartier (1996, p.233), autor que em especial fundamenta o estudo realizado. A leitura tem continuidades e descontinuidades. Os gêneros favoritos de leitura se transformam. A quantidade de livros em circulação se modifica. O mundo da leitura é constantemente transformado. Autores de muito destaque numa época caem em completo esquecimento em outros momentos. Pontos de venda são criados ou extintos. Assim seguindo na direção proposta pelo autor, evidencia-se que não

há maneiras “equivocadas” ou “acertadas” de se realizar uma leitura, mas sim formas diversificadas de apropriações (CHARTIER, 1998).

As relações que se estabelecem entre o texto, a materialidade que o manifesta e o leitor, não se restringem a este pensamento “escolarizado” das práticas de leitura e escrita, uma vez que estas não são práticas que podem circunscrever-se ao processo escolar.

Sendo assim, a leitura como uma prática, transcende sua finalidade informativa e descritiva e passa a ganhar um efeito social e cultural. Sobre a leitura como prática, afirma Chartier:

Não se podem, portanto, restringir apenas à sua finalidade material ou a seus efeitos sociais as práticas que organizam as atividades e tecem vínculos entre os indivíduos: são todas ao mesmo tempo “culturais” já que traduzem em atos as maneiras plurais como os homens dão significação ao mundo que é o seu. Portanto, toda história, quer se diga econômica, social ou religiosa, exige o estudo dos sistemas de representação e dos atos que eles geram. Por isso ela é cultural. (CHARTIER, 2004, p.18).

Observando a leitura como prática, um ato que envolve diferentes habilidades, pois as apropriações dos textos pelo leitor implicam na possibilidade da leitura efetuar-se por um processo de aprendizado particular, resultado de competências muito diferentes.

A partir do século XVIII a literatura se faz cada vez mais presente nas leituras das pessoas comuns, como aponta Darnton (1999). As bibliotecas se multiplicam nas grandes cidades, inventam novas formas de organização e catalogação de obras (BURKE, 2003). Os livros se tornaram objeto de organização de sociedades literárias, era motivo para organização de saraus e reuniões intelectuais. Nesses espaços, em muitos momentos, Ouvintes e leitores se combinavam. Não apenas nos salões nobre e burgueses. Mas nas tavernas, nas cozinhas, nas feiras, existiam aqueles que liam enquanto outros faziam outras atividades. Ou até mesmo nas salas de aula, onde a recitação era elemento fundamental. Os mais abastados se reuniam em clubes de leitura (DARNTON, 1999).

Pelas sociabilidades diversas da leitura em voz alta, existe nas sociedades antigas uma cultura do escrito mesmo entre aqueles que não sabem nem produzir nem ler um texto, mas compreendê-la significa não considerar que o acesso ao texto escrito é sempre e em toda a parte uma leitura individual, silenciosa, solitária, que supõe necessariamente a alfabetização (CHARTIER, 2004, p.11).

Conforme destaca Chartier, lia-se em voz alta para uma grande quantidade de pessoas, aprendia-se com maior frequência, e de cor vários textos literários. Mas o quanto dessa história permanece nas práticas de leitura contemporânea? Darnton nos alerta “[...] a leitura não é

simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado, que deve variar de cultura para cultura” (DARNTON, 1999, p.218). De modo que é possível entender que não existe apenas a leitura, mas práticas de leituras, no plural, diversas, articuladas com a produção, a circulação e os usos dos textos (CHARTIER, 2004, p.11). E, nesse processo, a leitura engendra processos sociais e de sociabilidade.

2.4 A leitura no Brasil

Mesmo no Brasil Colônia, quando era vedado pela coroa portuguesa a impressão de originais ou cópias, os letrados da sociedade colonial liam e se reuniam em academias e sociedades literárias como uma forma de sociabilidade intelectual e de troca de conhecimentos e de construção de um ideal de civilidade (CAVALCANTE, 1995; KURY; MUNTEAL FILHO, 1995). Existiam leitores no Brasil Colônia, mas eram poucos. E pertenciam a uma elite que se julgava culta e educada.

No ano de 1808, com a presença da família Real em solo brasileiro, teve início um processo de modernização cultural e isso teve impacto no acesso aos textos e aos modos de leitura. Os jornais até então poucos procurados, passaram a fazer parte da vida privada e estavam intensamente ligados ao cotidiano das pessoas, que procuravam se informar dos fatos políticos e culturais de sua sociedade. A expansão da imprensa periódica constituiu-se em uma das bases fundamentais para a vida intelectual da época no que se refere à comunicação de informações, modernização de novos conceitos e, até mesmo, como fonte de educação.

De acordo com Gauvã e Batista (1998, p.34).

A partir do século XIX, com a implantação da imprensa régia em 1808, o Brasil iniciou sistematicamente a impressão de livros. Até então, não só na escola, mas nas diversas instâncias sociais, eram raros os objetos disponíveis para a leitura, haviam poucos lugares onde se poderia adquirir esses objetos (bibliotecas e livrarias só existiam nas cidades mais populosas) e, conseqüentemente, poucos eram os leitores.

Os gabinetes de leitura, invenção europeia do século XVIII, ganharam espaço no cenário de leitura no Brasil do XIX, estendendo seu lugar de sociabilidade intelectual para o século XX. O mais famoso deles, O Real Gabinete Português de Leitura, foi fundado no Rio de Janeiro, em 1837. Nos anos de 1800, tais gabinetes eram espaços predominantemente masculinos, redutos de leituras de periódicos e jornais, lugar de cultura letrada e de expansão do mercado livreiro.

Assim a imprensa escrita passa a ser vinculada, como forma de entretenimento, o que provoca a prática diária de folhetins. A partir de então, essas leituras diárias incidiram no gosto

popular. Nesse sentido, os periódicos surgiram como um dos meios de desenvolvimento do público leitor, através de textos informativos e literários.

No Brasil do século XIX, o projeto de construção política de uma nação soberana passou pela impressão de jornais, folhetos, panfletos e por uma forma de difusão da leitura que mesmo que ainda fosse muito restrita, devido à baixa alfabetização entre a população brasileira e a estrutura escravocrata da sociedade brasileira, já não era tão cerceada como na época da Corte (NEVES, 1995). É possível identificar continuidades e descontinuidades entre as antigas sociedades literárias e os contemporâneos clubes de leitura. Mudaram-se as condições de leitura, os propósitos, o perfil dos associados, mas permaneceu um certo ideal de civilidade, muito mais marcado por formas mais contemporâneas, como o lazer.

Durante o século XIX no Brasil, os textos divulgados nos rodapés dos periódicos, eram textos extraídos de outros periódicos ou produções anônimas, eram provenientes de outras fontes literárias, porém não eram feitas destinadas aos jornais, iniciativa essa que deu margem para o estímulo a leitura já que esses textos traziam elementos que despertavam interesse no leitor. Então ao final do século XIX, os romances-folhetins tomavam um lugar situado nos jornais, o pé da página, espaço dedicado a publicações diversas que abordassem temas literários e de passatempo.

Era comum nesse espaço a publicação desde crônicas, críticas, anúncios de peças de teatro e livros ultimamente lançados, até anedotas, adivinhações e receitas de cozinha. "O romance-folhetim foi uma tendência nacional que impulsionaram muitos dos nossos renomados autores a utilizarem esse espaço como forma de divulgação das suas obras. Sendo o jornal o mecanismo de comunicação mais acessível na sociedade de época, talvez este fosse a abertura mais rápida e fácil para o escritor alcançar popularidade" (GAUVÃO; BATISTA 1998). Da década de 20 até meados da de 50, inúmeros livros de leitura foram produzidos e algumas editoras especializaram-se na produção de livros didáticos. Nesse momento, várias reformas de ensino foram empreendidas por diversos Estados. Chegava-se ao século XX com mais de 80% da população analfabeta, o que foi considerado, nos meios intelectuais, uma "vergonha nacional".

O desafio de transformar e consolidar o Brasil como “um país de leitores” permanece até o tempo recente. De acordo com a terceira edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2011, pelo Instituto Pró-Livro, cujo objetivo foi avaliar o comportamento do leitor brasileiro. 45% dos leitores (tomando por base os que gostam de ler) foram influenciados pelo professor ou professora, enquanto 43% o foram pela mãe ou responsável do sexo feminino.

Esse resultado levou o Instituto a fomentar ações no sentido de incentivar e valorizar as mães que formam leitores, com o Projeto “Mãe, lê pra mim?”, na XIV Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro em 2009, onde gravaram depoimentos de mães e celebridades, em visita à Bienal, sobre suas experiências e o estímulo à descoberta do prazer da leitura.

Desde o seu lançamento, em 2001, a Retratos de Leitura no Brasil é a única pesquisa de âmbito nacional que tem por objetivo a avaliar o comportamento leitor brasileiro. Seus resultados são amplamente divulgados e ela se tornou referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros.

É uma contribuição do mercado editorial para, a partir desse amplo diagnóstico, estimular novas reflexões, estudos e decisões em torno de possíveis novas intervenções, do governo e da sociedade civil, para melhorar a qualidade e os atuais indicadores de leitura e de ao livro pelos brasileiros. A pesquisa é considerada o maior e mais completo estudo sobre o comportamento do leitor brasileiro. O instituto Pro Livro – IPL, ao publicar todas as edições da pesquisa que promoveu e com análise de reconhecidos especialistas na área da leitura e políticas públicas, do governo, sociedade civil e academia, e tem por objetivos promover e divulgar esse amplo diagnóstico com a expectativa de oferecer subsídios para avaliar o impacto e orientar a formulação de políticas públicas do livro e leitura e as ações do governo, de organizações sociais e da cadeia produtiva do livro.

Na pesquisa Retratos de Leitura no Brasil⁴ do Instituto Pró Livro de 2015, 56% dos brasileiros declaram ter lido ao menos um livro, inteiro ou em partes, nos três meses anteriores a entrevista (2015), 59% de mulheres e 52% de homens. Conforme a pesquisa, entre as principais motivações que impulsionam os leitores brasileiros estão: o gosto pela leitura (25%), atualização cultural (19%), distração (15%), motivos religiosos (11%), crescimento pessoal (10%), exigência escolar (7%) e atualização profissional ou exigência do trabalho (7%). Todas essas motivações integram o papel civilizador da leitura. Já a primeira razão apresentada pelos leitores como obstáculo para o aumento da leitura é a falta de tempo (43%).

⁴ Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – Órgão de pesquisa revela os hábitos de leitura dos brasileiros e fornece informações para o planejamento do mercado e para o fomento de políticas públicas. Patrocinada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), pela Associação Brasileira de Editores de Livros (ABRELIVROS) e pela Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA)."

1ª Edição Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – 2001

2ª Edição Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – 2008

3ª Edição Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – 2011

4ª Edição Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – 2016

5ª Edição Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – 2020

Em novembro de 2020 tivemos o resultado pesquisa Retratos de Leitura no Brasil do Instituto Pró Livro, sobre os índices de leitura no país onde foram apontados que o Brasil perdeu 4,6 milhões de leitores entre 2015 e 2019, segundo a pesquisa "Retratos da leitura no Brasil", o levantamento, feito pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural, foi realizado em 208 municípios de 26 estados entre outubro de 2019 e janeiro de 2020.

Apenas pouco mais da metade dos brasileiros tem hábitos de leitura: 52% (ou 100,1 milhões de pessoas). O resultado é 4% menor do que o registrado em 2015, quando a porcentagem de leitores no país era de 56%. A média de livros inteiros lidos em um ano se manteve estável: 4,2 livros por pessoa.

Em um recorte socioeconômico, as classes enfrentam um paradoxo: A e B têm níveis mais altos de leitura do que C, D e E, mas também tiveram as maiores quedas entre 2015 e 2019. Enquanto o número de leitores diminuiu 12% na classe A e 10% na B, a queda entre D e E foi de apenas 5% desde a última pesquisa.

Já em uma divisão por idade, a única faixa etária que teve aumento de leitores foi a de crianças entre os 5 a 10 anos. Todas as outras, incluindo adolescentes, jovens e adultos, leram menos em relação à última pesquisa. Mesmo com a queda, os pré-adolescentes de 11 a 13 compõem a faixa etária que mais lê no país: 81%.

Diante do exposto podemos perceber que o atual cenário da leitura no Brasil, não se mostra como uma realidade favorável. Assim fica claro e evidente a importância da leitura no desenvolvimento sociocultural de um povo, e as causas da falta de interesse da maioria dos brasileiros pela leitura não se mostram insolúveis.

Dentro desse cenário é de primordial importância que ações como a criação de clubes de leitura e trabalhos com o livro, que incluem em suas programações sobre debates, palestras que divulguem a importância da leitura. No Brasil, os clubes de leitura podem ter grandes impactos na vida dos participantes, desde estimular o ato de ler, mediar conhecimentos, consumo consciente e interações sociais.

Sendo a leitura, em grande medida, um ato realizado de forma solitária, os clubes de leitura juntam-lhe as vantagens da socialização e da partilha. Na base do seu funcionamento, continua a estar a leitura individual de um mesmo livro por parte de um grupo de pessoas; estas pessoas (normalmente um máximo de 15-20 pessoas) reúnem-se periodicamente para comentar, dizer suas impressões a respeito da leitura, e em virtude dessas interações destacamos a presença do mediador, que não precisa ser necessariamente a pessoa que fundou o clube.

2.5 A leitura como lazer

Luiz Octávio de Lima Camargo (2020) aponta que o termo lazer precede do latim “licere” que significa “permitir”. O que o lazer permite? Um tempo livre, além da jornada de trabalho. Lazer, ócio, recreação são palavras, expressões e ideias que muitas vezes se misturam e se confundem, mas existe algo que diferencia o ócio do lazer: “[...] lazer sempre significa fazer alguma coisa” (CAMARGO, 2020, p.441). Mas isso que se faz no lazer não se confunde com aquilo se se faz no tempo pago do trabalho. O lazer é feito do lúdico, do cultural, do espontâneo.

Para Camargo, o lazer é um fato social. Seguindo os passos do sociólogo francês Joffre Dumazedier, o autor brasileiro situa o lazer como produto das sociedades industriais. Com a Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX, houve profundas mudanças sociais, econômicas e tecnológicas onde não somente os modos de produção foram afetados, mas todo um modo de vida e o cotidiano das pessoas. Com isso, a Revolução Industrial deu início a uma preocupação sobre o tempo de forma distinta ao que existia antes e de certo modo fragmentou o tempo social.

A revolução industrial explodiu a unidade dos tempos sociais, fragmentando-os em tempos estanques. As pesquisas de orçamento-tempo distinguem 4 tempos com propriedades diferentes: trabalho, família, obrigações pessoais e tempo livre (no qual inclui-se o lazer). Hoje, o tempo livre (e, portanto, o lazer) não se mistura com trabalho e cada vez é mais distante da rotina familiar e religiosa. O tempo livre urbano, basicamente ocupado como lazer, é pago pelo trabalho. Aliás, como costume dizer em aula, o contrato de trabalho moderno é também um contrato de tempo livre: diário, pela limitação da jornada diária, fim de semana (remunerado), férias (remuneradas) e aposentadoria (remunerada). Este modelo surge na revolução industrial (CAMARGO, 2018, p.145)

Nesse cenário, fica explícita a vértice imposta entre trabalho e lazer, tratados como excludentes dentro da perspectiva humana, essa dicotomia passa a ser refutada por diversos autores, dentre eles, no Brasil, Luiz Octávio de Lima Camargo e Nelson Carvalho Marcellino. Marcellino (2000) entende o lazer como parte da vida do homem, não acredita ser possível separar trabalho de lazer, sendo que o lazer está ligado a outras esferas, como família, vida social, pois uma vida frustrante, não permite um lazer realizador.

Este deslocamento da concepção do lazer, de um ideal a ser atingido até um elemento de corrupção do indivíduo, estabiliza-se diante da Revolução Industrial, marco de profundas mudanças sociais, econômicas e tecnológicas que abrangeram não apenas os modos de

produção, mas também o próprio cotidiano das pessoas. Sobre este contexto, Marcellino (1995) observa a existência de dois estágios históricos que apresentam em um *continuum*, constando em primeiro momento um modelo de sociedade tradicional marcadamente rural, observando que mesmo nos setores urbanos pré-industriais não havia uma separação entre as várias esferas da vida do homem, como o local de trabalho e o local de residência ou o local de lazer. O indivíduo trabalhava seguindo o fluxo de atividades diárias, estabelecendo seu próprio ritmo. Neste sentido, o tempo liberado do trabalho era maior do que o verificado na sociedade moderna, sendo geralmente preenchido por festas pagãs e outras comemorações. Em um segundo momento, vislumbra-se a sociedade moderna, marcadamente urbana, já que a industrialização acentuou a divisão social do trabalho, que se torna cada vez mais especializado e fragmentado, obedecendo ao ritmo da máquina e a um tempo mecânico, afastando os indivíduos da convivência nos grupos primários e despersonalizando as relações. A separação do homem de seus instrumentos de trabalho, o distanciamento entre o local de moradia e o local de produção, a alteração do tempo destinado ao trabalho, agora baseado em inúmeras horas passadas nas fábricas, dentre outras inúmeras mudanças geradas, terminam por alterar profundamente a panorama socio econômico mundial.

Sendo assim, Marcellino concebe o lazer como parte integrante da vida do homem urbano: ele acredita que não é possível tratar separadamente o lazer e o trabalho, o que também deve ser aplicado a outras esferas de obrigação da vida social, como a família, da mesma forma que o lazer não pode ser considerado como única fonte de realização do indivíduo, justam ente por acreditar que uma vida frustrante nas demais esferas não permite um lazer realizador. Neste sentido, o autor argumenta:

O lazer é um campo de atividade em estreita relação com as demais áreas de atuação do homem. Na consideração das suas relações com a ação humana em seus diferentes campos, não podemos deixar de considerar as insatisfações, as pressões ou os processos de alienação que ocorrem pressões ou os processos de alienação que ocorrem em quaisquer dessas áreas. Dessa forma, a um trabalho empobrecedor está ligado um lazer também empobrecedor e vice-versa. O 'sentido' da vida não pode ser buscado, como muitas vezes somos levados a crer, apenas num fim de semana, ou numa viagem, embora essas ocasiões possam ser consideradas como possibilidade de felicidade e de resistência ao dia-a-dia. (MARCELLINO, 2000, p. 15).

Portanto a prática do lazer, como quebra de rotina ou atividade estressante, é bastante comum nas sociedades contemporâneas, sendo o lazer um momento de liberdade e exercício do próprio "eu" dentro do cotidiano. E ainda citando a importância do trabalho/lazer ser

desenvolvido em harmonia a essa linha de pensamento, Dumazidier (2000, p.106), um dos principais estudiosos do lazer, elucidada:

As atividades profissionais podem ser completadas pelas atividades de jogo e pelas atividades de participação e de projeção ligadas a uma determinada forma de vida marginal parcialmente imaginária, regulamentada por regras e valores diversos daqueles que dominam a vida real. Estas atividades laterais talvez venham a inspirar transformações positivas nas atividades profissionais e aumentar a satisfação com as condições de trabalho e até proporcionar condições para presença de uma certa poesia de vida.

Marcellino (2000) também acredita nos benefícios do lazer no processo de desenvolvimento humano. Apontando que aceitar a admissão na vida moderna contribui para mudanças de ordem moral e cultural. Esse autor preocupa-se com a generalização da palavra “lazer” empregada em simples associação com experiências individuais vivenciadas dentro de um contexto mais abrangente que caracteriza a sociedade de consumo, o que, muitas vezes implica na redução do conceito a visões parciais, restritas aos conteúdos de determinadas práticas nos mostrando a necessidade de discussões que contribuam para melhor entender o significado da vida cotidiana do indivíduo.

De uma vertente mais específica, as discussões sobre lazer urbano contemporâneo ganharam força na questão da cultura pós moderna. Featherstone (1990, p.97) conceitua:

Se examinarmos as definições de pós-modernismo, encontraremos uma ênfase no apagamento das fronteiras entre a arte e a vida cotidiana, o colapso das distinções entre alta-cultura e cultura de massa/popular, uma promiscuidade estilística generalizada e uma mistura lúdica de códigos. Essas características gerais das teorias pós-modernas, que ressaltam a igualização e o nivelamento das hierarquias simbólicas, o antifundacionalismo e um impulso geral para a desclassificação cultural, também podem ser associadas ao que se considera serem experiências pós-modernas características.

O autor acredita que a cidade pós-moderna, é muito mais consciente de sua dimensão cultural, caracterizando-se como centro de consumo cultural tanto quanto de consumo geral, desta forma os estilos de vida urbana, a vida cotidiana e as atividades de lazer sofrem influencias em graus variados. Featherstone (1990), ao analisar a expansão geral de cultura nas sociedades contemporâneas, argumenta que o mercado de bens e informações culturais se torna visível pela forma com a qual a aquisição e o consumo de mercadorias, atos considerados supostamente como materiais, são cada vez mais mediados por imagens culturais nas quais o consumo ou o aspecto simbólico dos bens torna-se fonte de satisfação de necessidade. Nesse âmbito, o autor destaca o consumo e prazer, delineados pelo contexto urbano e a vida cotidiana das pessoas.

Para Dumazidier (1989, p.169), “o espaço de lazer, tanto quanto espaço cultural é um espaço social onde se entabulam relações específicas entre indivíduos, meios e classes”, permitindo a prática de atividades livremente em um ambiente que propicia o contato entre as pessoas. Ao destacarmos espaços não específicos de lazer nos centros urbanos, podemos apontar as livrarias, cafés, pois os interesses que estimulam a frequência destes espaços giram em torno das relações de sociabilidade, pois o lazer é conjunto de ocupação às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se. Como acontece nos clubes de leitura.



Figura 3. Confraternização de clube de leitura⁵.

Acervo Márcia Soares.

⁵ Fotografia original transformada pela autora em imagem aquarelada por meio software de edição de imagens Gimp versão 2.10

3 A LEITURA QUE SE OBSERVA: O TRABALHO DE CAMPO NOS CLUBES DE LEITURA

Partindo das questões sobre leitura, compreendendo-a como uma prática social, tomada como elemento central de desenvolvimento das sociedades modernas, transformada em componente central da escola e das políticas públicas de educação, sendo que a prática da leitura educacional se difere do objeto nesta pesquisa estudado que tem a leitura como lazer, pois na escola a leitura é apresentada como fator obrigatório para os processos de ensino e aprendizagem, sendo assim esse trabalho parte agora para a descrição da observação etnográfica feita junto aos clubes de leitura da cidade de Maringá, no Paraná. Neste trabalho, pudemos compreender como os clubes se sustentam e se mantêm como fonte de lazer e sociabilidades para seus frequentadores. A pesquisa busca compreender os modos, os usos, as apropriações e as utilizações que os sujeitos fazem do ato de ler em suas relações cotidianas.

Ao tomar por base a observação participante, e a escrita etnográfica, me amparei teoricamente nos estudos do antropólogo brasileiro José Guilherme Cantor Magnani (1998) e nos seus estudos sobre antropologia urbana para categorizar os clubes de leitura como “pedaço”. Em diálogo com a conhecida dicotomia rua versus casa de Roberto Da Matta (1979), essa noção revelou um outro domínio de relações: enquanto a casa é o domínio dos parentes e a rua, o dos estranhos, o pedaço evidencia outro plano, o dos “chegados” que, entre a casa e a rua, instaura um espaço de sociabilidade de outra ordem. Assim se desvelou um campo de interação em que as pessoas se encontram, criam novos laços e se tratam das diferenças. Conforme define Magnani:

São dois os elementos básicos constitutivos do ‘pedaço’: um componente de ordem espacial, a que corresponde uma determinada rede de relações sociais [...] No núcleo do ‘pedaço’, enfim, estão localizados alguns serviços básicos – locomoção, abastecimento, informação, culto, entretenimento – que fazem dele ponto de encontro e passagem obrigatórios. Não basta, contudo, morar perto ou frequentar com certa assiduidade esses lugares: para ser do ‘pedaço’ é preciso estar situado numa rede particular de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência (1998, p.115)

As relações que se estabelecem nos clubes de leitura não são de parentesco nem necessariamente de vizinhança ou procedência, contudo, a categoria de pedaço ainda se faz adequada para esses espaços. Nas palavras do próprio Magnani, que ampliou a definição da categoria em estudos posteriores:

Assim, uma das primeiras incursões a campo, na Galeria do Rock, no centro da capital paulistana, mostrou que naquele *pedaço* os frequentadores, vindos de várias partes da

cidade e até de outros municípios, não necessariamente *se conheciam* (por laços de vizinhança, parentesco, trabalho, religião, como no contexto do bairro) mas *se reconheciam*, seja pela exibição de marcas estampadas nas camisetas, nos cortes de cabelo ou na postura corporal, evidenciando seus gostos musicais, o pertencimento a determinadas galeras, a preferência por esta ou aquela banda etc. (MAGNANI, 2014)

É nessa dimensão do reconhecimento que encontramos ressonância da categoria para a compreensão dos clubes de leitura. Através de encontros e discussões literárias, os clubes de leitura oferecem a seus frequentadores uma experiência a ser vivenciada tendo a leitura como elemento de reconhecimento. Um clube de leitura é espaço propício para o encontro de pessoas relacionadas a ideia de descontração e lazer. Quando a leitura é praticada de forma compartilhada, nos convida a outras formas de vínculo social, ler e conhecer as experiências dos outros, de nossa época ou de épocas passadas, sobre determinados aspectos que ainda não havíamos explorado, ou que não conseguimos expressar.

O espaço do clube de leitura é recriado a cada encontro. Ele demanda constante engajamento de seus participantes e a cada livro debatido uma nova dinâmica se estabelece. Aquele que falava num encontro se coloca principalmente com ouvinte no encontro seguinte, aquela que tinha amado o livro anterior não se identificou com o livro desse encontro, aquele que indicou a leitura para o clube dá início ao debate, aquele que espera a vez do seu livro indicado se debatido guarda suas observações para o final. Uma que imaginava que teria pouco a falar no debate encontra ressonância na fala de outro participante e expõe longamente sua experiência de leitura, outra que tinha as margens do livro toda anotada pouco encontra o que compartilhar com o grupo. Cada encontro tem seu jogo, mas todo encontro recria algum prazer.

Ao ouvir os integrantes do clube de leitura e ao mesmo tempo ser também uma integrante pude perceber que a leitura provoca transformações de um universo simbólico e também do universo linguístico, contribuindo para que o indivíduo realize transformações pessoais e também coletivas.

A leitura pode contribuir para verdadeiras recomposições de identidade. É claro que identidade não é entendida aqui como algo fixo, parado, mas ao contrário, como um processo aberto, inacabado, uma conjunção de traços múltiplos, sempre em transformação. (PETIT, 2008, p. 53).

Neste sentido, um dos resultados desta pesquisa foi o de constatar que ao ter a leitura compartilhada os integrantes dos clubes não só “constituíam” leitores, mas principalmente como a leitura pode ajudar as pessoas a se construírem, a se descobrirem e a se tornarem sujeitos de suas próprias vidas. Então, em face da observação participante, me questionei a todo momento de que maneira a leitura desencadeia as relações de sociabilidade ali percebidas

durante os encontros. Ao evocarmos que a leitura pode ser em qualquer idade um atalho para se elaborar um espaço íntimo, ao frequentar um clube de leitura tem seu espaço, mas ao mesmo tempo o que era íntimo passa a ser público ao compartilharmos nossas impressões literárias com o clube de leitura.

E este espaço criado pela leitura não é uma ilusão, porque os leitores são ativos e ao se apropriarem do lê interpretam o texto, suas fantasias. Michel de Certeau preceitua que: “Os leitores são viajantes; circulam em terras alheias; são nômades que caçam furtivamente em campos que não escreveram” (CERTEAU, 2000). Sendo assim a leitura serve para dar sentido a experiência de alguém, para dar voz a alguém, processo muito percebido dentro dos clubes observados, pois nesse espaço os leitores não se preocupam em discordar do outro e expor o seu ponto de vista, isso nos mostra que a leitura tem outro elemento fundamental nas relações de sociabilidade que é a de que a leitura é uma abertura para o outro, podendo ser suporte nas trocas em várias dimensões, respeitando a experiência literária de cada um. Portanto, a leitura compartilhada dentro dos clubes é mais do que uma fonte de lazer, prazer e sociabilidade, a leitura se coloca como via de premissa para o leitor elaborar sua posição como indivíduo, construção de um “espaço/pedaço” onde a pessoa se sente suficientemente protegida para transitar com suas opiniões e onde o diverso é aceito e ouvido. Mediante o exposto a leitura ao ser compartilhada estabelece laços com o mundo e com próximo, nos dando forças para irmos a outro lugar, para sairmos da imobilidade e da solidão.

Buscando melhor caracterizar o contexto e espaço da pesquisa torna-se fundamental neste momento apresentar algumas informações sobre a cidade de Maringá.

3.1 A cidade de Maringá: contexto e espaço da pesquisa etnográfica

A pesquisa foi realizada na cidade de Maringá, município localizado no norte do Paraná, que começou a ser fundada em 1923. O projeto de urbanização da cidade foi assinado em 1943, com o ideal de “cidade jardim”, avenidas largas e canteiros com paisagismo (STEINKE, 2007). Maringá foi oficialmente fundada em 10 de maio de 1947. Planejada pela empresa Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná, em 10 de maio de 1947, Maringá foi uma vila e depois, distrito do município de Mandaguari, sendo elevada à categoria de município pela Lei nº 790, de 14 de fevereiro de 1951, desmembrando-se daquele município.

Segundo os dados mais recentes do IBGE, Maringá é uma cidade de porte médio, com aproximadamente 430 mil habitantes (IBGE, 2020), sendo a terceira maior do estado e a sétima



Figura 5. Fachada da Biblioteca Pública Municipal Bento Munhoz da Rocha Netto⁶

Fonte: Secretaria de Cultura de Maringá.
<http://www2.maringa.pr.gov.br/>

Conforme descreve o site da Secretaria Municipal de Cultura de Maringá:

Criada em 1957, a primeira Biblioteca Municipal de Maringá começou a funcionar no antigo prédio da Prefeitura em uma pequena sala ao lado do Gabinete, porém, com poucos livros. Foi o aumento do acervo e a necessidade de mais informações que determinaram a instalação da Biblioteca em outro prédio, na Av. Duque de Caxias, 227, onde foi inaugurada solenemente no dia 07 de setembro de 1963, na administração do prefeito João Paulino Vieira Filho. O acervo era de 3.750 volumes, 900 boletins, publicações oficiais, 350 revistas e gravuras. Iniciam-se, então, as primeiras promoções culturais, palestras, festival de trovadores e lançamento de livros e outras. Em 30 de Novembro de 1975, inaugura-se a Biblioteca Municipal, em prédio próprio recebendo o nome de Biblioteca Municipal Professor Bento Munhoz da Rocha Netto, juntamente com a sala de locação e reserva Joubert de Carvalho, localizada na Av. 15 de Novembro esquina com a Av. Getúlio Vargas, em duas salas. Em 2012, a Biblioteca Municipal passa a funcionar em outro prédio, situada na Av. Horácio Racanello, 6090, Novo Centro, em virtude de adaptações necessárias no espaço em que se encontrava. Tem um acervo constituído por 60.000 livros didáticos,

⁶ Fotografia original transformada pela autora em imagem aquarelada por meio software de edição de imagens Gimp versão 2.10

de literatura e infanto-juvenis; obras de referência (almanaques, enciclopédias, dicionários); apostilas; folhetos; periódicos; gibis; materiais especiais; documentos históricos (livros de autores maringaenses ou sobre a cidade).

Atualmente, em seu espaço são desenvolvidos projetos e atividades que abrangem a comunidade.

O município também direciona políticas públicas relacionadas a diversas práticas de leitura, sendo uma delas a Feira Literária e Internacional de Maringá (FLIM), evento que dura uma semana e conta com entrevistas, debates literários, venda de livros e projetos apresentados por diversos setores da educação e sociedade. Em 2019, ano em que fizemos o trabalho de campo para essa dissertação, a Flim teve como tema “Conexões e estava em sua 6ª edição.



Figura 6. Festa Literária Internacional de Maringá – 2019⁷

Fonte: Márcia Soares

No momento de realização do trabalho, entre os anos de 2019 e 2020, Maringá contava com seis clubes de leitura. Vale ressaltar que dois dos clubes usavam de forma regular o espaço

⁷ Fotografia original transformada pela autora em imagem aquarelada por meio software de edição de imagens Gimp versão 2.10

da biblioteca municipal para os seus encontros e os outros clubes eventualmente também utilizavam esse espaço em momentos específicos.

3.2 Processos de constituição entre pesquisadora e pesquisa

*Não grites, não suspires, não te mates: escreve.
Escreve romances, relatórios, cartas de suicídio, exposições de motivos,
Mas escreve. Não te rendas ao inimigo. Escreve memórias futuras.
E por que desprezas o homem, papel, se ele te fecunda com dedos sujos, mas dolorosos?
Pensa na doçura das palavras. Pensa na dureza das palavras.
Pensa no mundo das palavras. Que febre te comunicam. Que riqueza.
Mancha de tinta ou gordura, em todo caso mancha de vida.
Passar os dedos no rosto branco... não, na superfície branca.
Certos papéis são sensíveis, certos livros nos possuem.
Mas só o homem te compreende. Acostuma-te, beija-o.
Confissões difíceis pedem folha branca.*

Carlos Drummond de Andrade (1991, p. 118)

Com intenção de expor os caminhos necessários para que esse trabalho acontecesse, teço comentários que contribuiram para a formação tanto da pesquisa quanto da pesquisadora, apontando também a intensa ligação que ocorreu na junção entre pesquisa e pesquisadora, pois o ato de investigar amplia-se ao agregar a si o sujeito que interroga, que perscruta, que analisa, que age. Configurando uma relação onde sujeito e objeto vivem uma interação recíproca num processo contínuo e simultâneo onde a pesquisa e pesquisadora se alteram, se transformam constantemente.

Partindo do pressuposto de que a pesquisa se faz simultaneamente com sua pesquisadora, e como tal não se limita, temos nas palavras de Alfredo Veiga-Neto (1996, p. 32) a confirmação dessa ligação intrínseca e um alerta de que “isso não significa falta de rigor, mas significa que devemos ter sempre presente que somos irremediavelmente parte daquilo que analisamos, e que tantas vezes queremos modificar. De certa forma a pesquisa é uma parte daquilo que somos, ou acreditamos, ou mesmo daquilo que nos esforçamos para compreender, me sentia em constante estado de procura e descoberta, a certeza que tinha era: “só o desejo inquieto, que não passa, / faz o encanto da coisa desejada.../ e terminando desdenhando a caça / pela doida aventura da caçada.” (QUINTANA, 1989, p. 62).

Sou a sexta filha de uma família de seis filhas, criada e educada por uma mãe que ficou viúva aos 38 anos com seis filhas para criar e educar, estando na época a mais velha com 18 anos e a mais nova com 3 anos e meio. Meu primeiro contato com livros foi aos 6 anos quando comecei a estudar na pré-escola. Minha primeira mediadora com os livros considero que foi minha professora da pré-escola, pois ela levava para sala de aula livrinhos e distribuía entre nós

e como ainda não éramos alfabetizados ela nos pedia para olhar as imagens e que criássemos uma história ao olharmos as figuras do livro, eu adorava aqueles livros coloridos e ficar imaginando as histórias. Quando chegava em casa com o livro emprestado pela professora eu lia para minhas bonecas, e lia nos fins de semana para minha mãe quando ela deitava um pouquinho no meio da tarde para descansar, na maioria das vezes minha mãe dormia, mas eu sabia que alguma coisa ela escutava, e imaginar (ler) as histórias para minha mãe me fazia feliz.

Na infância e durante toda a vida, os livros também foram companheiros que consolavam e por vezes encontrei neles palavras que me permitiram expressar o que sentia de mais secreto e de mais íntimo. Apesar do ato de ler ser solitário, ler não nos separa do mundo, muito pelo contrário, com a leitura temos a oportunidade de sermos introduzidos nele de um modo diferente, Michèle Petit antropóloga francesa e que estuda os processos da leitura nos diz que:

A leitura pode contribuir para elaboração de uma identidade, que não se baseia no mero antagonismo entre ‘ele’ e ‘nós’. Pode elaborar uma identidade que não se está reduzido a apenas laços de pertencimento, é nos levar a construção de uma identidade plural, mais adaptável, aberta ao jogo e às mudanças. (PETIT, 2013, p.55).

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencimento a alguma coisa ou lugar, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual se pode sentir-se próximo. E ler possibilita não somente abrir-se para o outro, não é somente a sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros.

Um olhar movido de particularidades como vem nos apontar Veiga-Neto (1996), “[...] é o olhar que botamos sobre as coisas que, de certa maneira, as constitui. São os olhares que colocamos sobre o mundo que criam os problemas do mundo”

Movida por uma ânsia de compreender melhor as práticas culturais, sobretudo as práticas de leitura, busquei, durante o segundo semestre de 2018 participar como aluna-ouvinte da disciplina do mestrado em Ciências Sociais: *Cultura e Consumo*, na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Nesse período, passei a estudar sobre o livro, a leitura e as relações de sociabilidade numa perspectiva da abordagem da cultura e do consumo, disciplina que me orientou para minha proposta de pesquisa, conduzindo-me a um novo olhar para as práticas de leitura. Todos os meus estudos, até então, voltavam-se para o livro e a leitura sob a perspectiva da área da educação de onde vem a minha formação inicial, e para uma abordagem sob a égide das ciências sociais, passei a olhar para a leitura para muito além de uma prática, mas como forma de construção social, e isso exigia, de mim, um desvestir-me de conceitos para uma compreensão mais ampla desse preceito.

Ao estudar pela abordagem da *Cultura e Consumo*, passei a olhar para o livro e para as práticas de leitura que dele emanam como um objeto de estudo, focalizando-o dentro de um determinado tempo e espaço social, e para isso escolhi os clubes de leitura. A partir dessa concepção teórica, também pude analisar ideias, propostas e indícios, a fim de desenvolver um projeto de pesquisa, numa dimensão voltada para a leitura como fonte lazer e as relações de sociabilidade, em sua materialidade, como objeto carregado de gestos, marcas, valores, sentidos e as práticas culturais.

Assim, decidi escrever um projeto de pesquisa, tendo como objetivo analisar os impactos das relações de sociabilidade e da prática de leitura como fonte de lazer pelas perspectivas de diferentes sujeitos sociais, e compreender o que poderia significar o ato de consumir o livro, bem como buscar a compreensão do vínculo que se constrói entre o leitor, o livro e leitura por intermédio das relações de sociabilidade e da prática de leitura como fonte de lazer. Sendo interessante apontar o quanto a pesquisa envolveu-me, enquanto pesquisadora, mesmo sem a experiência de consumo para pertencimento a um determinado grupo social, fato que não me impediu de me aproximar e de me encantar pelo objeto de estudo, nem pela pesquisa, tendo constatado a existência do ato de consumir pela perspectiva do simbólico, consumir, perceber, pertencer.

Pude, nessa experiência, sentir as emoções que esse objeto evoca e compreender a importância atribuída ao objeto livro e às práticas de leitura pelos sujeitos observados. Olhar para o livro/leitura foi olhar para um momento onde a leitura passa de um ato solitário para um ato de convivência social, troca de interações e afetividade.



Figura 7. Festa |Literária Internacional de Maringá – 2019⁸
Fonte: Márcia Soares

3.3 A construção do campo e do método de pesquisa

Nesse contexto, falar das relações de sociabilidade e da prática de leitura como lazer pelos integrantes dos clubes de leitura, nos explicita que a leitura proporciona ao leitor um processo empático, cada leitor é, quando lê, um leitor de si mesmo, pois pode se pôr no lugar e vivenciar de suas experiências literárias, quando o leitor se distancia das agitações cotidianas, momento esse em que a imaginação e a fantasia têm livre curso então lhe é permitido imaginar outras possibilidades.

Ao me dedicar as leituras para a constituição da pesquisa, descobri em Clifford Geertz (1989) a etnografia como um discurso social, onde ao anotarmos os conhecimentos

⁸ Fotografia original transformada pela autora em imagem aquarelada por meio software de edição de imagens Gimp versão 2.10

presenciados e do falar, passamos a consultar acontecimentos passados continuamente. Segundo o autor, a etnografia não seria meramente uma questão técnica, mas um esforço intelectual do pesquisador para que se possa realizar uma descrição densa. Geertz (1989) criou uma ampla visão sobre a concepção e os objetivos da antropologia, como a de buscar a compreensão que as pessoas de determinada cultura acham que são o que elas fazem e porque razão elas creem que fazem o que fazem, ou seja, de ser capaz de entender as lentes que os outros usam para ver o mundo. Para o autor (1987), fazer antropologia é fazer etnografia e fazer etnografia é realizar uma descrição densa. Assim, fazer uma descrição densa é perceber e interpretar, analisar atos, comportamentos e condutas. E em consonância com Geertz que diz que o antropólogo precisa se aprofundar na descrição do campo, o antropólogo e professor Roberto DaMatta (1978), afirma que a “[...] antropologia é um mecanismo dos mais importantes para deslocar a subjetividade [...] o homem não se enxerga sozinho, ele precisa de outro ser como espelho e seu guia (p.35).

Ainda de acordo com Geertz, na condição de pesquisadores precisamos levar em consideração a cultura como uma atuação pública, pois ao analisarmos o comportamento humano como ação simbólica devemos nos indagar “o que está sendo transmitido através dessa ação” Assim algumas questões tomam a centralidade do meu objeto de pesquisa: qual o significado dessas ações para os sujeitos que participaram no momento em que ocorrem? Seria possível definirmos um único significado? Como os sujeitos em meio a relações de sociabilidade constroem e partilham esses significados?

Acreditando como Max Weber que um homem é um animal amarrado as teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa a procura do significado. (GEERTZ, 1989, P.15).

Inspirada pela leitura de Geertz e também pela antropologia urbana de Magnani, decidi que para implementação do meu projeto de pesquisa empregaria a metodologia qualitativa, escrita etnográfica, centrada na técnica da observação participante.

Segundo a pesquisadora Angela Alonso:

A preocupação de fundo dessa técnica é entender como regras, hábitos, padrões sociais são vivenciados cotidianamente pelos indivíduos. Pergunta-se como a ordem social acontece em nível microssocial, isto é, como as pessoas de carne e osso vivem as suas vidas ordinárias, tanto no sentido de cotidianas, quanto de vidas-padrão, distintas das grandes biografias. É um estudo das rotinas sociais, do que parece trivial e óbvio, mas que, por ser muito disseminado, estrutura as relações sociais. Por exemplo, no caso de aferir relações de hierarquia no interior de um grupo social observando uma

refeição compartilhada. A observação participante se vale do acompanhamento sistemático de todas as atividades do grupo estudado. O pesquisador se insere no dia a dia do grupo, participa dele, como se fosse um membro. E procede ao registro sistemático (um diário de campo) de vários tipos de informação: eventos (ações), falas (discursos), gestos (comportamentos) e interações observados. Registra, também, as suas próprias experiências em campo. Quando desconhece as regras, a língua e o universo simbólico do grupo que estuda, o pesquisador recorre a um informante, que funciona como via de acesso e, eventualmente, como mediador cultural. (ALONSO, 2016, p.10)

A partir dessa definição do método, estabeleci que trabalharia com três clubes de leitura, que denominarei nesta dissertação Clube Eurídice, Clube Macondo e Clube Mulheres que Riem⁹ usando a técnica da observação participante de escrita etnográfica. Ao escolher uma metodologia qualitativa para a pesquisa, fui levada a decidir por uma observação regular nos clubes de leitura escolhidos, desta forma minhas idas aos clubes se davam entre uma e duas vezes por mês, contabilizando 30 observações/participações de modo presencial e de modo remoto, por ocasião da suspensão dos encontros presenciais por conta da pandemia da Covid-19. Pude desta forma mergulhar no ambiente literário e participar como integrante dos clubes de leituras, pois minha experiência como integrante/ pesquisadora durou três semestres sendo o segundo semestre de 2019 e o ano todo 2020 para que pudesse ter critérios de observação e comparação.

A pesquisa foi se fazendo possível, construída através de conversas e trocas de experiências estabelecidas pelo campo de pesquisa. Em cada encontro do clube de leitura haviam trocas de experiências distintas através do que cada um tinha vivenciado ao ler o livro proposto, emprestavam livros entre eles, se presenteavam com livros, saíam para encontros em bares, cafés e eventos distintos (ordenação de um diácono frequentador do clube), mas esse não era um comportamento habitual nos três clubes observados.

Sendo assim, em meio as inquietudes de se observar três clubes simultaneamente, e participar de forma atuante nas leituras e nas relações de sociabilidade, exigiu-se desta pesquisadora uma dualidade entre o “eu” pesquisadora e o “eu” integrante do clube de leitura que foram sendo moldados ao longo da observação do/no campo.

3.4 Leitura em pedaços: categoria para entender os clubes

⁹ Os nomes originais dos clubes de leitura observados foram modificados de modo a garantir o anonimato dos frequentadores e dos próprios clubes. Os nomes atribuídos foram inspirados em alguns dos livros lidos e debatidos ao longo do trabalho de pesquisa junto aos clubes de leitura.

Numa pesquisa qualitativa, os fatos cotidianos são importantíssimos, e a participação nos encontros dos clubes de leitura foram fundamentais para a observação da forma como consumiam o livro, e como tinham na leitura uma fonte de lazer e nas relações de sociabilidade sentimentos de afeto e amizades. Para tal, adoto os procedimentos de José Guilherme Cantor Magnani (1984), que ao pesquisar a “cultura popular e lazer na cidade”, me fez compreender que precisaria fazer parte do pedaço ao me inserir na vivência e interações dos clubes escolhidos.

Magnani descreve que a categoria “pedaço”, é diferente de “colegas”, “chegados”, “amigos”, por se constituir de dois elementos básicos: sendo o primeiro de ordem espacial, que determina uma relação social e que tenha pontos de referências com seu núcleo, o segundo é a necessidade de que “para ser do ‘pedaço’ é preciso estar situado numa rede particular, uma rede de relações que combina laços e procedências, etc.” (1984, p.137). Segundo Magnani, o termo “pedaço” é um espaço intermediário entre o privado (casa) e o público, onde sociabilidades básicas se desenvolvem, mais amplas que laços familiares, porém, mais densas e estáveis que as relações formais (1984, p 137).

Considerando esta categoria busquei observar os clubes de leitura como “pedaços”, como e porque os integrantes dos clubes de leitura consumiam o livro e faziam da leitura uma forma de lazer. Sendo o clube um espaço de diálogo entre as diferentes culturas que se tornam parte das experiências de todos como um caminho a ser construído.

Magnani nos propõe que um estudo etnográfico urbano, é feito sob a perspectiva de um olhar para ampliar o horizonte da análise e complementar a perspectiva de perto e de dentro, com capacidade de apreensão de padrões de indivíduos múltiplos, variados e heterogêneos, um conjunto de atores sociais cuja vida cotidiana se dá na cidade.

O que se propõe inicialmente com o método etnográfico sobre cidade será dinâmica, é resgatar um olhar de perto e de dentro, capaz de identificar descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques para efeito de contraste, qualifiquei como de fora e de longe (MAGNANI, 2002, p. 17).

Ao relacionarmos o clube de leitura com o “pedaço”, me refiro a um espaço demarcado para distinguir um determinado grupo de pessoas como frequentadoras e pertencentes a uma rede de relações, no caso dos clubes como uma rede de relações de consumo, lazer e sociabilidades.

Assim para ser integrante do pedaço, não é suficiente somente frequentar, mas também estabelecer vínculo, que segundo Magnani: “O pedaço é o lugar dos colegas, dos chegados,

aqui não é preciso, nenhuma interpelação: todos sabem de onde vêm do que gostam e o que se pode ou não fazer” (2002, p. 21).

Nessa perspectiva ao designar o clube de leitura como “pedaço” foi possível caracterizá-lo pelas formas de seus integrantes de consumir, modos de falar, sociabilidades e lazer, pois conforme Magnani se caracterizam pela construção de laços seja de onde vier.

Ao relacionar minha observação nos clubes a uma etnografia urbana, constatei que apesar das pessoas viverem nas cidades, em meios aos aglomerados de gente o indivíduo se sente só, e no seguir cotidiano dos dias cruzam com centenas de pessoas que não conhecem, pessoas que vivem no mesmo meio, mas não convivem.

Como citado por Magnani a metrópole produz as massas e isola o indivíduo, neste contexto, temos um distanciamento caracterizado pela vida cotidiana e urbana.

Então entender o que leva o indivíduo a escolher frequentar um clube de leitura em meio a todos os compromissos cotidianos foi uma das vertentes dessa pesquisa, como a leitura é um ato solitário, observei que um dos fatores preponderantes em se escolher frequentar um clube são as relações de sociabilidade, a possibilidade de ter na leitura compartilhada, experiências de trocas são reais, além de que ao se comprometer com o clube, o integrante é motivado a não desistir da leitura.

Portanto, ao invés de um olhar de passagem, me propus a observar e fazer parte do clube de leitura “pedaço” onde o trajeto e as escolhas foram o meu norte como pesquisadora no qual me propus baseado nos estudos de José Guilherme Canto Magnani, um olhar de perto e de dentro, quando passei a fazer parte do clube de leitura “pedaço” vivenciar e experienciar como os encontros se estabeleciam nas suas diferentes esferas, políticas, religiosas, culturais e de lazer, descobri que a leitura tem se revelado uma possibilidade muito grande das pessoas se repensarem.

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, do qual pode sentir-se próximo. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente para as formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal (PETIT, 2013, p.43).

Os encontros dos clubes aconteciam sempre aos sábados na parte da tarde, ao me tornar do “pedaço” como cita Magnani, descobri que não bastava somente frequentar os encontros, era preciso tornar-me uma integrante do clube além de leitora, pois sem isso as relações de sociabilidades e as práticas de leitura como lazer não aconteceriam.

Aqui cito o exemplo do clube de leitura Macondo, onde o indivíduo ao chegar ao clube é muito bem recepcionado e só passa a fazer parte do grupo de troca de mensagens via celular do clube após ter frequentado três encontros seguidamente, para então passar a ter além dos encontros presencias contato cotidiano com os integrantes do clube. Assim ao ser indagado sobre o porquê de ter delegado o critério de ter que participar de três encontros, o mediador do clube Macondo me disse que isso evitaria o fluxo de gente entrando e saindo do grupo de *what's*, pois muitas vezes as pessoas podem ir uma única vez e não voltar mais. Nos dois outros clubes observados, o Eurídice e o Mulheres que riem, ao participar da primeira reunião a pessoa já era adicionada ao grupo de troca de mensagens.

Ainda assim nas inquietações de pesquisadora, permaneciam perguntas do tipo: o que ocorre em um determinado clube, ocorre em outros? Ou o comportamento desse leitor poderia ser modificado conforme o clube frequentado, caso isso se confirmasse estaria estabelecido a importância do mediador ao conduzir, orientar, mediar, sugerir e motivar os participantes, isso de forma coletiva e de forma individual.

Ao compartilhar dentro dos clubes as relações de sociabilidades e a prática da leitura como fonte de lazer, observei e experimentei as diferentes interações, que eram construídas pelo ato de consumo dos livros, consumo esse percebido não somente no ato da compra do livro em si, mas também na forma de empréstimo entre os integrantes, de trocas como presente, e na forma de e-books baixados gratuitamente, essas formas de compartilhamento não eram unânimes nos clubes observados.

Desta forma sigo a trilha de Magnani e outros autores sobre como trata-los como um grupo. São os significados de sociabilidade dos integrantes dos clubes de leitura o mais importante para trata-los como grupo, associando gostos, hábitos, um grupo se caracteriza por suas ações, expressões e interpretações de seus membros, gerados por modos distintos de se relacionar. Sendo esses modos demarcados pela influência direta nos hábitos, relações de sociabilidade e visão do mundo.

Tais reflexões conduziram a formulação do problema de pesquisa: os integrantes dos clubes de leitura têm na leitura uma fonte de lazer e de sociabilidades? A partir dessa indagação principal puderam também ser indagados: quais os significados que estas práticas de leitura produzem no leitor, como as práticas de leitura como lazer, se configuram práticas de cultura e sociabilidade.

No decorrer das vivências no campo fui observando que as práticas de leitura eram vivenciadas como fonte de lazer e que a leitura como lazer agrega valores, sentimento de

pertencimento e laços de afetividade, fato constatado e posto em prática ao ser criado como estratégia metodológica a elaboração de um portfólio das práticas de leituras nos clubes. Portfólio este produzido a partir das leituras produzidas nos encontros presenciais e virtuais dos clubes observados.

3.5 Portfólio: dados vividos e experienciados no campo de pesquisa

Sendo o portfólio definido como um dossiê ou documento com o registro individual de habilitações ou de experiências, essa foi a forma que esta pesquisadora encontrou de apontar a lista dos livros oportunizados para leituras de todos os clubes observados e colocar de forma mais elucidativas seis encontros para melhor descrever o livro como fonte de lazer e as relações de sociabilidade desenvolvidas.

- 1 - *O torto Arado* - Itamar Vieira Júnior
- 2 - *Ecós* - Pam Munõz Ryan
- 3 - *Só Garotos* – Patti Smith
- 4 - *Úrsula* – Maria Firmina dos Reis
- 5 - *Cem anos de solidão* – Gabriel Garcia Marques
- 6 - *Vestido de Noite* – Nelson Rodrigues
- 7 - *Mulherzinhas* – Louisa May Alcott
- 8 - *A mulher que Ri* – Thays Pretti
- 9 - *Kindred* – Octavia Butler
- 10- *Homens em tempos sombrios* - Hannah Arendt
- 11 - *O homem de giz* - C.J. Tudor
- 12 - *O pequeno manual antirracista* – Dijamila Ribeiro
- 13 - *O amor dos homens avulsos* - Victor Heringer
- 14 - *Mulheres que correm com lobos* – Clarissa Pinkola Estés
- 15- *Atlas de nuvens* - David Mitchell

- 16 - *Quarto de despejo* - Carolina Maria de Jesus
- 17 - *O útero do tamanho de um punho* - Angélica Freitas
- 18- *Cuca fundida* – Woody Allen
- 19- *É isto um homem* - O primo Levi
- 20- *A vida invisível de Eurídice Gusmão* - Martha Batalha
- 21 - *As alegrias da Maternidade*
- 22 -*A festa do bode* - Mario Vargas Lhosa
- 23 - *Um defeito de cor* – Ana Maria Gonçalves
- 24 - *A origem do mundo* - Liv Stromquist
- 25 - *A morte do pai* - Kal Ove
- 26- *O louco da palestra* – Vanessa Bárbara
- 27- *Velhos são os outros* – Andreia Pachá
- 28- *O que o sol faz com as flores* – Rupi Kaur
- 29 - *De espaços abandonados* – Luisa Geisler
- 30 - *Menina boa, menina má* - Ali Lane

3.6 Cuca Fundida

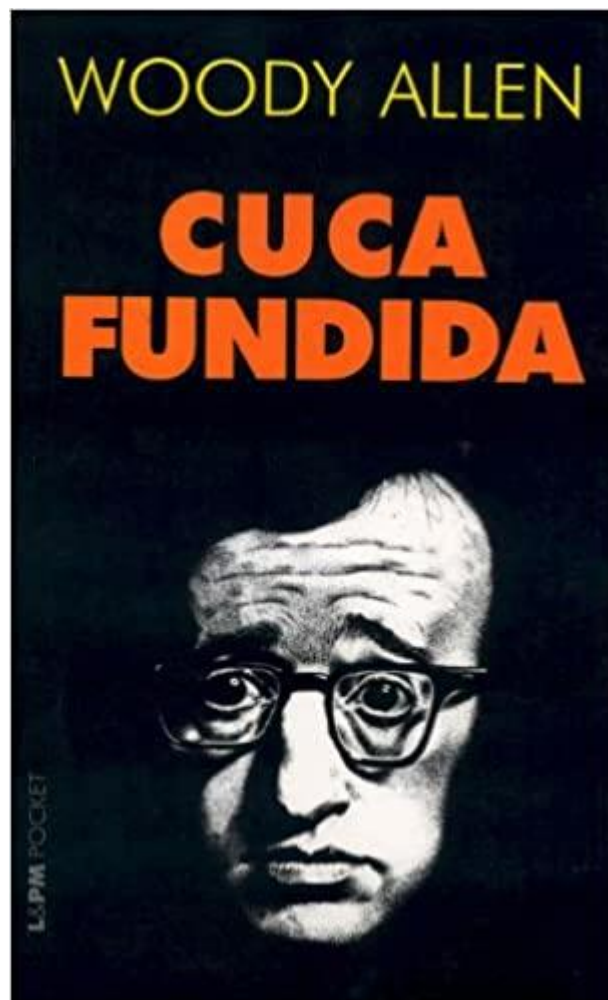


Figura 8. Capa do livro *Cuca Fundida*, de Woody Allen.
Fonte: Amazon.com

Cuca fundida, lançado em 1971, é o primeiro dos três livros com textos curtos do cineasta norte-americano Woody Allen. O livro é composto por dezessete textos que mesclam humor judaico, psicanálise, culpa, sexo e outros temperos e neuroses da vida moderna, tudo isso em um estilo rápido. Minha primeira participação no clube Mulheres que riem foi justamente na tarde em que o livro foi discutido pelo grupo numa livraria da cidade. Eu me apresentei a uma das mediadoras que muito carinhosamente me deu as boas-vindas e me convidou a compor a mesa e conversamos amistosamente enquanto as integrantes chegaram aos poucos e o debate do clube se iniciou com a presença de 12 mulheres, iniciando a vivência e a conversa com uma das fundadoras do clube que relatou uma viagem regente e entregou a cada participante mais próxima do clube uma lembrança que trouxe, inclusive eu também recebo uma dessas lembranças e conversamos sobre eventos recentes do país.

Nesse clube, a maioria das participantes são amigas e frequentam as casas umas das outras, promovem saídas a bares e cafés e almoços de confraternizações. Nesse clube pude perceber as relações de sociabilidade são fortalecidas pelos encontros e pelas relações de amizade que se formou entre as integrantes. É evidente como a leitura como lazer as mantém unidas. É normal as integrantes levarem alguns quitutes para ser degustado durante a discussão e as bebidas que são consumidas são adquiridas no café da livraria. Não me parecia ser a primeira vez que eu estava entre elas, foram todas muito acolhedoras.

Na discussão de *Cuca Fundida*, vários assuntos foram abordados dentro das temáticas do livro, como política, relacionamento familiar e conjugal. Na minha particularidade de leitora não foi um livro que eu possa dizer que gostei apesar de ter rido muito com alguns dos contos, mas não tenho grande familiaridade com a história do autor, não sou uma profunda conhecedora de sua trajetória, me chamou a atenção sua ironia e sua forma “desleixada” de escrever. Não é um livro que eu escolheria para ler por conta própria, mas optar por frequentar um clube de leitura é se dispor a ler algo que não leria por escolha individual.

No dia do encontro discutiu-se várias temáticas a respeito do autor, sobre o fato dele ter tido um caso com sua enteada e continuarem juntos até os dias atuais e também o fato dele ser ateu. Mesmo não compartilhando de todas as observações feitas sobre a leitura, eu me senti como se já fizesse parte do grupo, consegui uma interação muito significativa, tanto que o fato de ter acabado de chegar não as impediu de manifestar inclusive relatos de vida particular, onde uma das participantes declarou estar passando por momentos bem difíceis emocionalmente. Essa participante comentou sobre o fim de um relacionamento bastante longo e sobre o desejo de ter filhos. Me lembrei de um ditado que cabia perfeitamente naquele relato que eu ouvia e presenciava, “não devemos julgar o livro pela capa”, ali estava uma mulher independente financeiramente, bonita, que pela primeira impressão eu jamais consideraria estar vivenciando os conflitos que ela relatou no encontro. Essa integrante tinha começado a participar do grupo poucos encontros antes de mim e aquele relato me mostrou que ela se reconhecia naquele grupo, que aquelas mulheres formavam seu “pedaço”.

O principal fator variante das percepções é o espaço social que pode ser construído de diversas maneiras, dependendo de diferentes princípios de visão e divisão, e apresenta-se na forma de agentes dotados de propriedades diferentes e sistematicamente ligados entre si, e essas propriedades funcionam como signos na própria vivência da vida social, com isso, se percebe que o mundo social se apresenta como um sistema simbólico e o espaço social funciona como espaço simbólico.

Sendo assim o clube de leitura é considerado um espaço simbólico, pois seus integrantes o têm como um lugar de pertencimento, pois ao ter a leitura como fonte de lazer, esse simbólico evoca sentimentos de afetividade, sociabilidades muito particulares e características próprias de cada grupo. Ainda em conformidade com os estudos de Bourdieu (2002) pude perceber que esse grupo denominado clube de leitura é dotado de capital social e capital simbólico, dado que o capital social é definido pelo conjunto de relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo, implicando diretamente nas relações de sociabilidade, e sendo o capital simbólico definido pelo conjunto de rituais (como boas maneiras, ou protocolos) ligados ao reconhecimento.

Portanto esse poder simbólico apontado por Bourdieu (2002), é o poder de fazer as coisas com palavras, uma espécie de poder de consagração e de relação com as coisas que já existem, e dentro do clube de leitura a relações e os sentimentos são mediados todo o tempo por esse poder de mediar através da palavra.

Percebi que quando aquelas mulheres se reuniam não eram somente para discutir o suposto livro escolhido, mas também para se apoiarem, para se ouvirem umas às outras, se sentir acolhidas e paralelo a todas essas relações, compartilhar aquele momento de lazer pela leitura. Era nítido em cada uma delas que tinham na leitura uma fonte de lazer, pois nos momentos do clube podiam se dedicar umas as outra e ao sentimento de lazer/prazer estabelecido entre elas.



**Figura 9. Encontro do clube Mulheres que Riem.
Acervo Márcia Soares.**

3.7 *É isto um homem?*

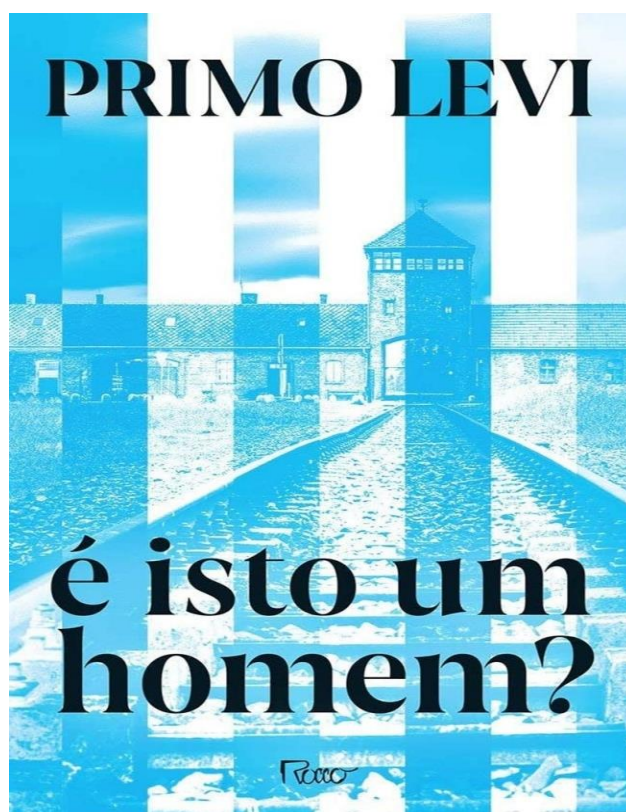


Figura 10. Capa do livro *É isto um homem?*
Fonte: Amazon.com

Primo Levi, no romance *É isto um homem?* que foi publicado pela primeira vez em 1947, relata sua experiência no complexo de Auschwitz e escreve sobre todos aqueles que silenciados pela inexistência física no pós guerra e foram testemunhas do período que conhecemos por holocausto. Levi escreve sobre a degeneração do ser humano nesse contexto e se coloca enquanto narrador e personagem de um dos períodos mais horrendo da era moderna.

Quando li o livro “*É isto um homem?*” de Primo Levi, pude, através do poder revelador de sua narrativa, sentir, visualizar todos os horrores infligidos às vítimas em um campo de concentração, esse foi um livro escolhido pelo clube que aqui denominarei como Macondo.

O livro “*É isto um homem?*”, que começou a ser escrito quando Primo Levi foi deportado para Auschwitz em 1944, não traz essencialmente nada que já não se conheça sobre o período, mas o que o autor descortina como novo é uma narrativa que descreve certos aspectos da alma humana, assegurando que nenhum fato foi inventado. Penso que ao escrever o livro poderia se sentir liberto de todas as suas reflexões feitas ao longo do tempo em que permaneceu no mais conhecido campo de concentração: Auschwitz.

Seu relato foi mostrando como homem poderia ser levado num grau de aniquilamento pouco imaginado para os que nunca experimentaram uma vida submetida a um extremo sofrimento até o limite constante da morte. A leitura que sempre foi minha aliada como momentos de lazer, agora me fazia sofrer, me provocava repulsa de imaginar que todo aquele sofrimento era infligido pelas mãos de outros seres humanos, e dentro da minha experiência literária o considerei um livro filosófico, pois narrava de forma muito íntima (e como é que pode ser possível termos tanta intimidade com o sofrimento) uma reflexão sobre a condição humana dentro de uma situação limite.

Isso desencadeou no clube diversos apontamentos sobre violência, sobre essa intimidade como sofrimento, e me lembro como foi apontado a violência doméstica, onde é preciso entender o que leva uma pessoa a conviver e sobreviver com quem a maltrata, com quem a magoa e que por inúmeras vezes acaba até matando a pessoa que é a vítima da situação.

Nas palavras de Levi “a demolição do homem”, ocorria a partir da privação, do sofrimento, da destruição das esperanças. Num campo de concentração homens eram reduzidos ao pão, às raspas de uma tigela de sopa, para o confinamento em uma cama suja e estreita, onde dividiam o mesmo colchão com um estranho que mal fala a sua língua. E a falta de lógica, muitas vezes em odiar um colega vítima da mesma opressão e que também se tornavam concorrentes na disputa diária pela sobrevivência.

Isso nos fez refletir também quantos seres humanos vivem sob privação, pensando na realidade brasileira onde milhões de pessoas vivem situações de privação de falta de recursos, expostos a vários tipos de violências tendo que sobreviver de forma inusitada.

Viver meu campo de pesquisa me proporcionou vivenciar sentimentos que não imaginei descobrir, pois ao pesquisar sobre como a leitura poderia ser relacionada ao lazer e as relações de sociabilidade, descobri que a leitura pode infligir sentimento/sofrimentos que nos fazem mais críticos e reflexivos, então a partir do momento que o indivíduo opta por frequentar um clube de leitura, ele passa a se construir e desconstruir a partir das leituras sugeridas, e das discussões levantadas a partir das discussões a respeito da leitura escolhida.

O objeto da minha pesquisa é a leitura como lazer e as relações de sociabilidade, mas confesso que pude constatar claramente como a leitura pode ajudar as pessoas a se construírem, a se descobrirem, a se tornarem formadores de opinião, sujeitos reflexivos, além de constatar que frequentar um clube de leitura desperta também nos integrantes um processo empático de perceber o outro, ver o outro e finalmente se colocar no lugar do próximo.

Durante o tempo em que temos para ler o livro, no grupo de *whats* se desenrolou uma conversa a respeito do livro e um dos fatos marcantes que aconteceu foi que uma das participantes do clube tinha visitado Auschwitz e compartilhou as fotos e as emoções que ela própria tinha sentido ao visitar aquele lugar que tinha impresso e descrito o verdadeiro sentido da palavra tristeza. “É isto um homem?” foi debatido pelo grupo como um livro poderoso e que merece um lugar de destaque em uma lista de leitura, pois como leitores e protegidos em nossas casas aconchegantes, em nosso “pedaço”, possamos reconhecer que todos somos, quaisquer que sejam nossa procedência, religião ou idade, que todos somos, de algum modo, enquanto homens, sobreviventes de Auschwitz.

A cada observação/participação nos encontros dos clubes é nítido que a leitura provoca relações de sociabilidade a partir do momento, em que as pessoas se interrelacionam dentro de um grupo que se auto reconhecem e que se denominam amigos.



**Figura 11. Encontro do clube Macondo¹⁰.
Acervo Márcia Soares.**

¹⁰ Fotografia original transformada pela autora em imagem aquarelada por meio software de edição de imagens Gimp versão 2.10

3.8 A vida invisível de Eurídice Gusmão

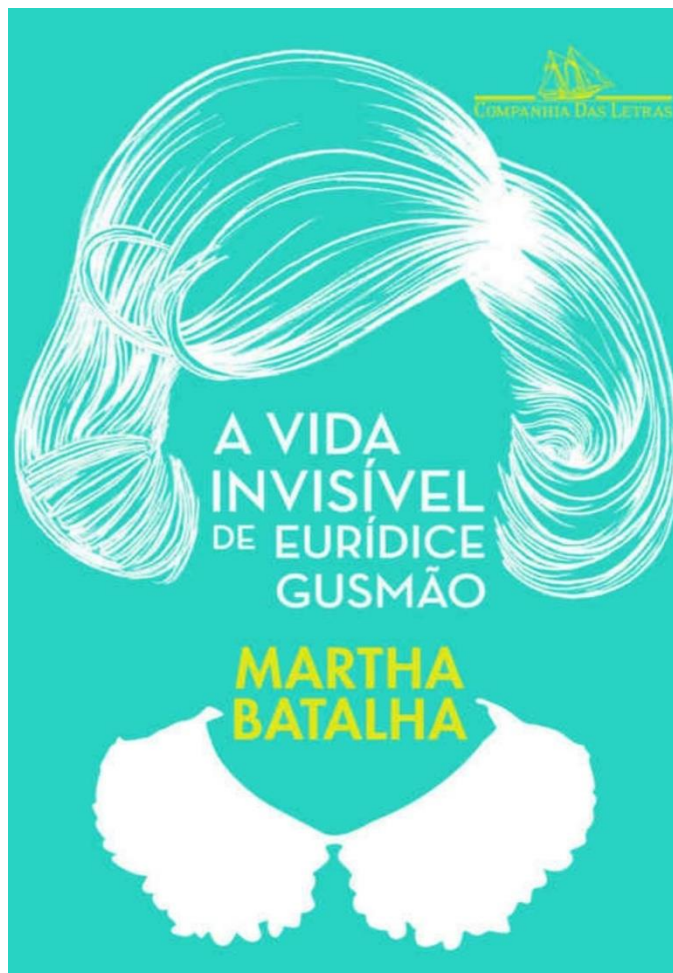


Figura 12. Capa do livro *A vida invisível de Eurídice Gusmão*
Fonte: Amazon.com

Na cidade do Rio de Janeiro, nos anos 1940, Guida Gusmão desaparece da casa dos pais sem deixar notícias, enquanto sua irmã Eurídice se torna uma dona de casa exemplar. Mas nenhuma das duas parece feliz em suas escolhas. Diz Martha Batalha, autora do livro, que *A vida invisível* é a história de nossas mães, avós e bisavós, invisíveis em maior ou menor grau, que não puderam protagonizar a própria vida, mas que agora são as personagens principais desse romance. Enquanto acompanhamos as desventuras de Guida e Eurídice, somos apresentados a uma gama de figuras fascinantes: Zélia, a vizinha fofoqueira, e seu pai Álvaro, às voltas com o mau-olhado de um poderoso feiticeiro; Filomena, ex-prostituta que cuida de crianças; Luiz, um dos primeiros milionários da República; e o solteirão Antônio, dono da papelaria da esquina e apaixonado por Eurídice.

O livro conta a história da personagem do título, uma mulher brilhante, que poderia ter sido engenheira, escritora ou cientista, no Rio de Janeiro dos anos 40, mais especificamente no bairro da Tijuca, estava fadada a ser dona de casa. O aspecto mais impressionante na narrativa do livro: é a história ser contada pelo cotidiano, em seus aspectos mais triviais e ao mesmo tempo ricos em reflexão. Em cento e oitenta páginas, o leitor é apresentado a Eurídice, uma mulher ativa, mas que acabou confinada a um casamento insosso, submissa a Antenor, um marido fiel e trabalhador porém preconceituoso, cheio de mimos e manias. Para entender (ou tentar entender) sua atitude, é preciso conhecer mais de perto a rotina da família Gusmão assim como a história de seus pais, Seu Manuel e Dona Ana, além da irmã Guida que reúnem uma impagável lista de personagens, como Seu Antonio, o dono da papelaria que é dominado pela mãe, Filomena, a ex-prostituta que amava e era amada pelas crianças, e Zélia, a vizinha fofoqueira que enxergava desgraça até onde não havia.

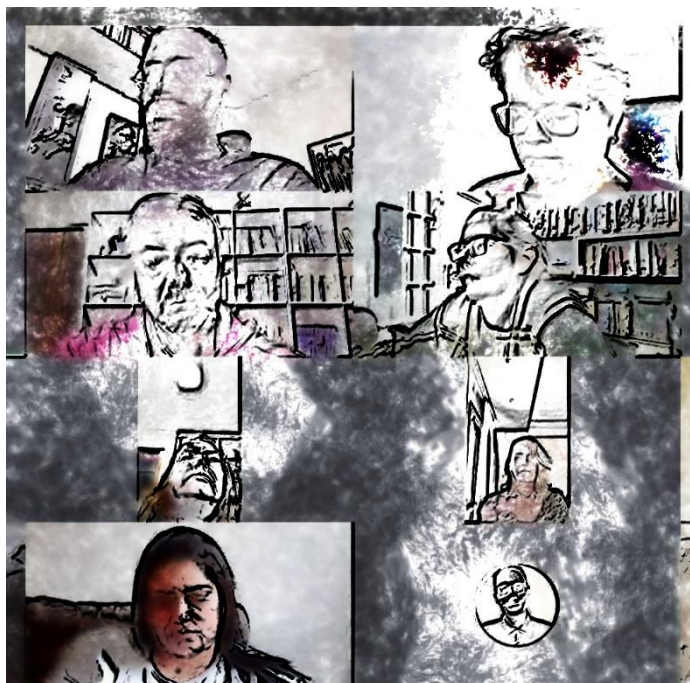
Durante as discussões nos clubes, a maioria dos integrantes já tinham conhecido alguma Eurídice Gusmão. Que poderia ter sido uma avó, tia, quem sabe amiga da família ou a senhorinha que morava ali na esquina..., conforme a própria autora do livro relata na apresentação da obra.

Esse livro foi discutido por dois dos clubes que observei, com uma diferença de um mês entre cada um, os clubes Macondo e Eurídice, clubes estes que por si só apresentam algumas diferenças entre si, tais como: clube Macondo é um clube bem diversificado pelos integrantes que tem idades variadas, profissões e modos de pensar bem diversificados, no clube Eurídice, frequentado predominantemente por mulheres, por faixas etárias semelhantes, salvo pouca diferença de idade de uma para outra.

No clube Macondo, a mediação trabalha para que a leitura seja acessível a todos integrantes, pois como o clube tem integrantes estabilizados financeiramente, tem também estudantes que tem seus rendimentos contados e que não podem arcar com a compra dos livros sugeridos, então em todas as discussões a mediação disponibiliza o PDF da leitura para aqueles que não podem ou não queiram comprar o livro. No clube Eurídice, a mediação não disponibiliza pdf pois dizem não compactuar com a pirataria, então nesse clube você tem que comprar seu livro físico ou comprar em forma de *ebook* pela Amazon para ler pelo dispositivo eletrônico Kindle¹¹.

¹¹ O Kindle é o leitor de livros digitais da Amazon. Ao comprar um livro na opção Kindle, você estará comprando um e-book. Esse e-book poderá ser lido pelo aparelho Kindle ou pelo aplicativo Kindle, disponível para celulares e tablets.

Essa é uma das diferenças mais prementes que percebi entre os clubes: a acessibilidade a leitura a ser discutida. Ao frequentar o clube Eurídice e Mulheres que Riem pude constatar que ninguém reclamava de dificuldades para comprar o livro, como eu percebia nas interações do clube Macondo, onde se conversava abertamente e se dizia se preciso fosse coisas do tipo: “gente minha grana está curta e não consigo comprar o livro dessa vez não”, então era disponibilizado o PDF para ser lido em *tablet* ou *smartphone*, e também mandavam no arquivo “mobi” que é o arquivo aceito para leitura no Kindle para aquele que tinham o dispositivo. E quando não se tinha o PDF a ser disponibilizado, aqueles que tinham o livro o liam e emprestavam para aqueles que não tinham, nesse clube as relações de atenção e empatia ao próximo eram cotidianas, e isso foi um fator que me fazia gostar muito de estar entre eles, e aos poucos fui percebendo que estar entres eles extrapolava meu objeto de pesquisa que era saber se eles tinham a leitura como lazer, fui percebendo que eles tinham muito mais que isso, tinham o companheirismo e amizade como um lugar de lazer, de prazer e de convivência, mesmo nos encontros que durante a pandemia passaram a ser via videoconferência.



**Figura 13. Encontro online do clube Macondo¹².
Acervo Márcia Soares.**

¹² Fotografia original transformada pela autora em imagem aquarelada por meio software de edição de imagens Gimp versão 2.10

3.9 A festa do bode

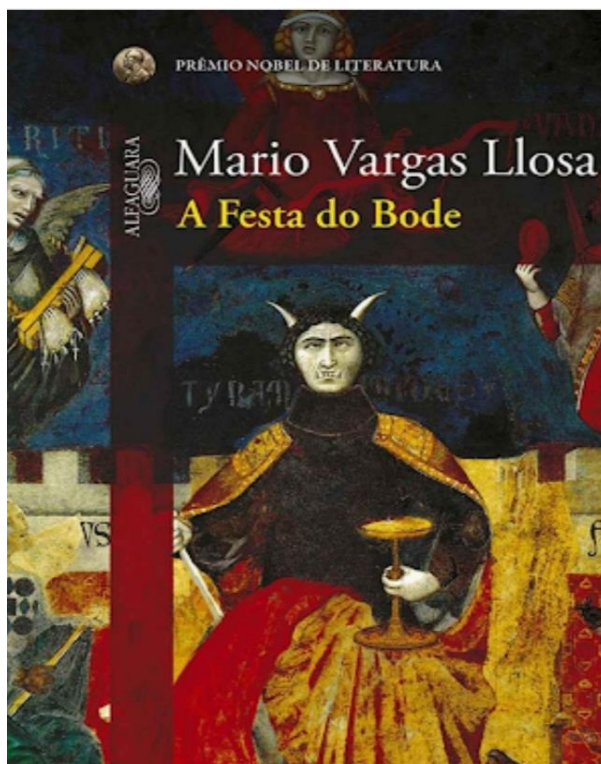


Figura 14. Capa do livro *A festa do bode*.
Fonte: Amazon.com

A festa do bode conta histórias que tem como elo a ditadura de Rafael Leônidas Trujillo Molina, que governou a República Dominicana entre 1939 e 1961. O poder desse ditador era tamanho que durante seu governo, Santo Domingo, a capital do país, deixou de se chamar assim para chamar-se Ciudad Trujillo. Seus negócios iam desde os ramos legais até os ilegais, e seu clã era dono de uma farta fatia da economia do país, de modo que sua sombra pairava sobre os mais diversos aspectos da vida dominicana. Uma das vertentes do livro narra a vida de Urania Cabral que viaja a Santo Domingo, após 35 anos ausente do país, para visitar o pai doente. Enquanto ela relembra o passado, outras duas histórias narradas em paralelo colocam o leitor no centro da tomada de decisões do ditador e mostram a luta de pessoas comuns que decidem pegar em armas para derrubá-lo.

Ao entrelaçar essas três histórias, Vargas Llosa relata o fim de uma era e discute a natureza insaciável dos regimes totalitários. *A Festa do Bode* é um mergulho em um dos momentos mais dramáticos da história recente da América Latina, esta talvez tenha sido a leitura que mais me impactou durante a vivência do meu campo de pesquisa, apesar de ser uma grande admiradora do escritor Mario Vargas Llosa, no tempo desse encontro não me sentia

muito animada para ler sobre política, mas em uma conversa particular por *whats* com o mediador do clube, e esse livro foi discutido pelo clube que denominei como Macondo, ele me disse que eu iria adorar a leitura e que sabia que seria um encontro de impressões muito ricas sobre o livro.

O mediador desse clube é um leitor que tem a leitura como fonte de lazer e de prazer, por isso tem tanta maestria em nos convencer a aceitar o desafio do diverso e mergulhar muitas vezes no que não é muito desejado. Então, depois da conversa com ele, comecei a ler o livro em PDF no *tablet*, o que me deixava bem cansada, pois trabalhava em frente a uma tela de computador o dia todo, e lia a noite onde a luz azul do dispositivo me incomodava bastante, e isso tudo eram coisas que passavam pela minha cabeça na ânsia de rejeitar a leitura, mas ao mesmo tempo pensava: não se frequenta um clube de leitura só para ler o que se quer, e sim para enfrentar os desafios do que nos é limítrofe, do que nos é diverso.

As minhas impressões sobre essa leitura variaram bastante, no início eu não me apeguei na leitura, a partir do terceiro capítulo fui me encantando com a forma em que o autor misturava personagens fictícios com os reais.

No dia do encontro foi uma discussão muito participativa por todos e muito acalorada para aquelas que são mais apaixonados por política, tivemos contrapontos com a política brasileira, opiniões discordantes de fatores apresentados no livro, mas todos encantados com a escrita de Vargas Llosa, e recordo que no dia do encontro a parte que nos impactou unanimemente foi a passagem de Urânia Cabral, filha de um político da época do trujillismo que tinha sido estuprada com a conivência do pai. Essa passagem me gerou vários sentimentos como repulsa, ódio, tristeza, inconformismo até que por todos esses sentimentos meus olhos transbordaram toda a indignação que eu sentia. Chorei por um tempo considerável, retornei e terminei a leitura, e continuei com o tablet nas mãos impressionada com a escrita do Vargas Llosa, a solidariedade que apresentou para com os que sofreram com esse regime, fez críticas a esse governo que atentaram contra princípios democráticos, sua capacidade narrativa me fez julgar ao final da leitura que o escritor fez jus ao Nobel que recebeu pela obra.

3.10 A mediação: um elo importante na sociabilidade do Clube de Leitura

O mediador de leitura é quem cria e proporciona condições e possibilidades para que o livro e o leitor se encontrem e se descubram, proporcionando ao leitor o protagonismo pelo ato de ler, equilibrando o prazer de ler com o compromisso da leitura. Os clubes de leitura têm como propósito instigar e despertar o hábito de ler, a formação de um sujeito leitor que consiga

realizar uma síntese individual das leituras que realiza, partindo do princípio de que não basta colocar as pessoas em contato com materiais escritos, é preciso incentivá-las a fazer descobertas e ajuda-las a fazer escolhas.

A leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida, para dar forma e voz a desejos e sonhos. Portanto o papel do mediador no clube de leitura torna-se imprescindível pois precisam ter o cuidado de respeitar o contexto coletivo, e muitas vezes os integrantes não se sentem motivados com a leitura sugerida, muitos mediadores foram sacudidos pelo livro de Daniel Pennac, *Como um romance*¹³, que defendia a “leitura por prazer”, que reivindicava, diante daqueles que clamavam que “era preciso ler”, o “direito de não ler”.

Durante a leitura descobrimos um mundo novo e cheios de coisas desconhecidas, por isso o hábito da leitura deve ser estimulado para que o indivíduo desde pequeno tenha a visão que a leitura é algo importante, prazeroso, uma fonte de lazer. Há, entretanto, uma condição para que a leitura seja de fato prazerosa e válida: o desejo do leitor. Como nos afirma o escritor Daniel Pennac, “o verbo ler não suporta imperativo” referência completa. Quando transformada em obrigação, a leitura se torna um enfado. Para suscitar esse desejo e garantir o prazer da leitura, Pennac prescreve alguns direitos do leitor, como o de escolher o que ler, o de reler, o de ler em qualquer lugar, ou até mesmo o de não ler.

Respeitados esses direitos, o leitor passa a respeitar e valorizar a leitura, desse modo se cria o vínculo indissociável, onde a leitura passa a prender o leitor, numa relação de amor onde ele não deseja despende-se. O papel de um mediador tem que estar atrelado ao objetivo do clube de leitura. O mediador serve como suporte: fica atento à motivação do grupo, se a discussão está sendo democrática, se todos estão se colocando e respeitando as diferentes opiniões e falas e vai apontando uma ou outra coisa para que o grupo se desenvolva livre, focado e potente. O mediador também é responsável por levar conteúdo sobressalente, tem que pesquisar algumas coisas referentes a leitura em discussão e ter como suporte elementos que agregam a fala dos integrantes, se for necessário, lançar mão dos mesmos. Muitas vezes nem precisa. O mediador também tem que ser um participante ativo, com vontade de ouvir e estar ali, entusiasmado e apaixonado (acho que essas são as características mais importantes de um mediador e isso não tem como forjar, ou você é ou não é).

Quando acontece alguma discussão, o mediador também tem que intervir. E se acontecerem falhas, rever, voltar atrás. A maior preocupação de um mediador de clube de leitura

¹³ *Comme un roman*, Paris, Gallimard, 1992 [ed. Brasileira: trad. Leny Werneck, Rio de Janeiro, Rocco, 1997]

é se as pessoas estão entusiasmadas com a atividade, desenvolvendo o próprio pensamento e os vínculos com os colegas. Se isso estiver acontecendo, tudo vai bem, tudo vai se acertando.

Aprender a ler o mundo, é antes de tudo compreender o seu contexto, não só pela manipulação das palavras, mas numa relação dinâmica que alia linguagem e realidade (FREIRE, 2006, p. 8). Paulo Freire é um defensor do direito a leitura, segundo ele a leitura é uma das formas mais eficientes de inclusão social. Um indivíduo que lê compreende melhor o contexto que o cerca e a partir dele, formula hipóteses positivas ou não. Portanto mediar leituras é se abrir ao próximo e ao mundo, portanto o mediador é considerado a ponte que liga o leitor ao livro e a leitura, através de sua paixão e amor aos livros e a leitura. Petit nos diz que sobre o mediador: “para transmitir o amor pela leitura e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2008, p. 145).

É comum pessoas dizerem que não tem paciência para a leitura, mas para sua prática é necessário que o hábito seja adquirido, por isso o mediador do clube precisa dar a liberdade para que os integrantes possam fazer suas sugestões, pois mesmo cumprindo um cronograma o clube precisa respeitar e aceitar o gosto dos participantes.



**Figura 15. Encontro do clube Eurídice¹⁴.
Acervo Márcia Soares.**

¹⁴ Fotografia original transformada pela autora em imagem aquarelada por meio software de edição de imagens Gimp versão 2.10

3.11 As alegrias da maternidade



Figura 16. Capa do livro *As alegrias da maternidade*.
Fonte: Amazon.com

Esse foi o primeiro livro que li para participar do clube aqui denominado Macondo. Eu estava eufórica pra esse primeiro encontro, pois ao pesquisar e escolher os clubes que analisaria, sem saber explicar, senti uma similaridade com aquele grupo sem nem ao menos ter tido contato com o grupo ou algum dos integrantes. Numa tarde de sábado, às 16:00, adentrei o café em que se realizaria o encontro. Quando adentrei o café me apresentei e fui muito bem recebida e me sentei, pedi uma cerveja pra tomar e comecei a conversar com uma integrante do grupo que me contou como funcionava o clube. Paulatinamente, os integrantes chegavam, dentre eles, o mediador do grupo. Ele chegou e fez as considerações do encontro, me apresentou como sendo a primeira vez que participo, avisa sobre a caixinha que todo encontro é passada entre todos os integrantes para que possam doar o valor que puder, esse dinheiro é posto numa conta e é usado para trazer autores para participar dos encontros.

Esse livro foi o meu primeiro contato com a literatura africana e concordo com o pensamento do clube que precisamos ler mais literatura africana para entendermos como povo descendente, mas também como povo colonizado. Além do tema principal da maternidade que

na minha concepção teve mais apelo houve outros traços da cultura nigeriana do início do século XX que foram interessantes de ler e de comparar com a nossa realidade aqui no Brasil: conflitos e preconceito entre etnias, racismo, a sociedade patriarcal que rege as relações, as mulheres que se desdobram para viver no caos sendo subjugadas a todo o momento, os efeitos da colonização pela ótica dos colonizados e num dado momento onde se discutia sobre cuidar dos pais idosos, uma integrante deu sua opinião que seria uma falta de empatia e de consideração não cuidar ou colocar em casa de repouso quem nos tivesse cuidado a vida toda.

Outra participante se indignou como os apontamentos da colega pois, afirmou, ela tinha colocado os pais numa casa de repouso pois os mesmos precisam de cuidados contínuos e diários e ela e o esposo precisavam trabalhar. O debate entrou em clima de confronto. O mediador, então, como eu pude constatar muitas vezes depois desse encontro, pontuou os pontos positivos e os pontos negativos, as discussões a respeito dessa história nos deu muitos comparativos entre a história e a vida de todos nós que estávamos ao redor daquela mesa. Conflito apaziguado, no fim, *As Alegrias da Maternidade* se mostrou como um título de grande ironia, um livro que nos ajuda a entender mais mansamente a constatação de que a maternidade é solitária, mas demanda apoio e compartilhamento, de que o amor com que se concebe e se cria os filhos pode não ser retribuído como esperado, e, definitivamente, de que gerar filhos e amá-los não faz de uma mulher um ser humano completo e realizado.



**Figura 17. Encontro do clube Macondo¹⁵.
Acervo Márcia Soares.**

¹⁵ Fotografia original transformada pela autora em imagem aquarelada por meio software de edição de imagens Gimp versão 2.10

3.12 Um defeito de cor

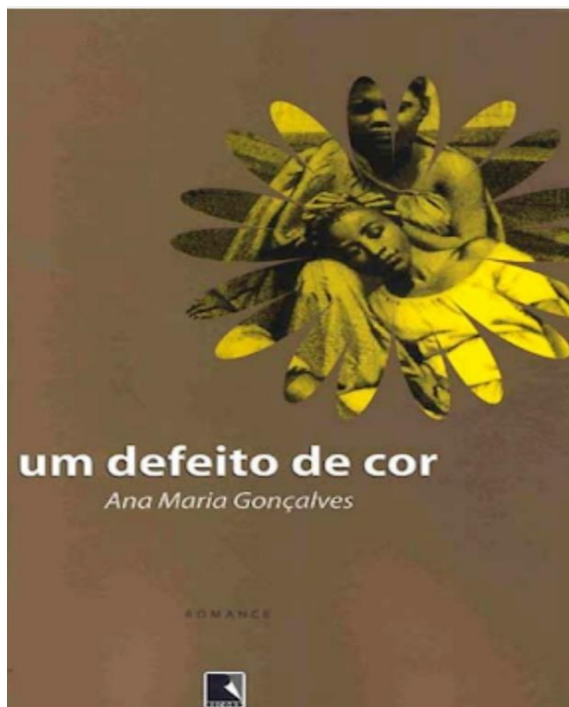


Figura 18. Capa do livro *Um defeito de cor*.
Fonte: Amazon.com

Aqui está mais um livro sobre literatura africana. A empolgação do clube gravitava em torno de que esse seria contado por brasileira descendente de escravos e aclamada pela crítica. No clube Macondo é escolhido um livro desafio por ano e esse foi o escolhido para o ano de 2020. Confesso que quando o peguei e senti o peso de suas 947 páginas pensei que teria problemas em conseguir realizar a leitura a tempo para o encontro, mas estava resolvida a encarar o desafio proposto pelo clube.

Um defeito de cor é um livro à moda dos romances do século 19, ambientado no Brasil nesse período. A narrativa começa com as primeiras lembranças da narradora em Savalu, no Reino do Daomé. Fugindo de brigas tribais e perseguições religiosas, Kehinde, sua irmã gêmea Taiwo e sua avó chegam à cidade de Uidá, onde são capturadas por mercadores de escravos e enviadas para a Bahia. Temas incômodos perpassam a narrativa, no entanto, a postura de Kehinde é a de uma sobrevivente sempre em movimento. Ela sofre muitas perdas, mas sua vontade de viver a leva adiante. Quando tem oportunidades, ajuda seus amigos a se estabelecerem e prosperarem.

Ao se tornar uma empresária, prefere contratar negros juntando dinheiro para ter sua liberdade ou mulheres com filhos. Faz doações para caridade. É uma personagem cheia de nuances e contradições. Ela vivencia sua sexualidade sem a menor culpa, se apaixona, comete erros, confia em quem não deveria, usa pessoas para conseguir seus objetivos. No entanto, a resiliência dessa mulher e sua convicção de o fato de ser negra não a torna pior do que ninguém. *Um defeito de cor* é inspirado na vida de uma personagem histórica e funciona em um limite tênue no qual, eu pelo menos, me deixou com muita vontade de saber o que era ficção e fato, sem estabelecer juízo de valor, só de curiosidade. Foi uma alegria encontrar uma leitura que me abre caminhos para pesquisar mais sobre histórias do Brasil que não foram contadas, conhecer uma cultura negra rica e complexa que durante muito tempo tem sido tratada como algo menor, me estimula a ler mais autores e autoras de países africanos e entender melhor as muitas influências que carregamos sem saber.

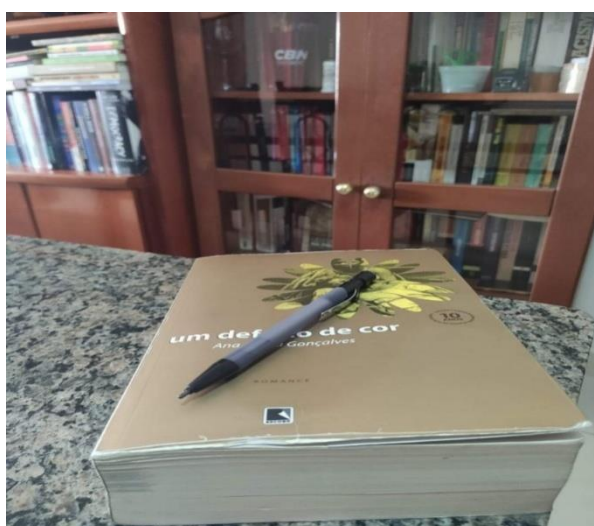


Figura 19. Dimensão da estrutura física do livro
Acervo Márcia Soares



**Figura 20. Dispositivo eletrônico de Leitura Kindle
Acervo Márcia Soares**

Durante o período que tínhamos para ler, todos do clube dava força um ao outro para que continuássemos a ler, para quem não tinha iniciado iniciar, a leitura era uma leitura fluída apesar de toda dor e sofrimento. No dia no encontro tivemos 35 pessoas no encontro, cada um falava de forma entusiástica com a leitura, ora encantados ora indignados em ver que muitas coisas da época da escravidão não se extinguiram totalmente.

Uma das grandes virtudes de *Um defeito de cor* destacado no debate é que não é um livro sobre vitimização, é uma biografia ficcional que constrói um discurso que nos aponta as marcas das experiências históricas e cotidianas dos afrodescendentes do país. Um livro que nos conduziu a conhecer parte de nossa história, costumes e mutações sociais através de uma personagem que não se deixa prender no estereótipo do herói, mas que imprime sua personalidade a cada direção, a cada oportunidade aceita e faz valer cada página lida.



**Figura 21. Livros comprados para a pesquisa
Acervo Márcia Soares**

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleta de dados para esta pesquisa foi realizada por meio de observação participante em três clubes de leitura, grupos formados por adultos de formações profissionais variadas que se reúnem mensalmente para debater obras literárias. A partir de uma seleção prévia de livros, realizada pelos mediadores e integrantes do clube de leitura, os participantes elegem (por meio de votação) o livro que será lido por todos em cada mês.

Pretendeu-se analisar o que leva um indivíduo a frequentar um clube de leitura, perceber se os comportamentos e relações de sociabilidades são semelhantes nos clubes observados e em conformidade com a pergunta norteadora deste trabalho comprovar se os integrantes dos clubes têm a leitura como fonte de lazer e sociabilidades.

Devendo ainda apontar o que a prática da leitura produz no leitor, sendo observado também aspectos que pudessem deixar transparecer uma possível mudança de hábitos leitores gerada pela participação no clube de leitura. A proposta de elaboração de um portfólio foi o que se pensou mais adequado para esse propósito.

Dentro do clube de leitura o compromisso não é imposto, uma vez que a participação nos encontros é sempre livre, e não envolve resultados diretos, a não ser a própria fruição da leitura e o encontro com pessoas que partilham de interesse pela leitura.

A existência do encontro e a expectativa do diálogo com o grupo acabam suscitando uma vontade e uma motivação que se fazem presentes sem que haja uma formalização para um preparo prévio, esse preparo se dá nos momentos da leitura onde o integrante do clube lê de maneira solitária e individual.

Sendo o clube de leitura, representado como um grupo social, pode legitimar o desejo de ler de cada um. Desejo que já existia antes da participação individual no clube, mas que se tornava ato solitário e sem respaldo social. Com o espaço do diálogo propiciado pelo clube de leitura, torna-se possível e passível o encontro com outros desejos de conhecer o mundo por meio da leitura. Recorrendo a Petit:

[...] a leitura pode reforçar a autonomia, mas o fato de alguém se entregar a ela já pressupõe uma certa autonomia. A leitura ajuda a pessoa a se construir, mas pressupõe, talvez, que ela já tenha se construído o suficiente e que suporte ficar a sós, confrontada consigo mesma (PETIT, 2008, p. 134).

Os clubes, tanto pela forma como são organizados e pelas escolhas dos livros a serem lidos, como pelos sujeitos que dele participam, apesar de ser um livre espaço de reunião, traz em alguma parte de sua constituição social uma ideia de compulsoriedade. Ao ter pré-definição

da data para a discussão do livro parece tornar a leitura algo compulsório, mas essa diretividade no clube de leitura não carrega uma conotação negativa, já que a participação é fruto do livre-arbítrio dos participantes. A compulsoriedade talvez signifique apenas uma meta formal e concreta necessária para que a leitura seja realizada com mais comprometimento e seriedade, com a ideia de ser um “pacto de leitura”.

Sendo assim, pode-se constatar que o indivíduo ao decidir integrar um clube, além de já ter a leitura como uma fonte de lazer e de prazer, ele busca tornar a prática de leitura um ato social de poder falar e ser ouvido, e ter seu parecer respeitado mesmo que não seja unânime.

O lazer é uma atividade humana que pressupõe, no tempo liberado do trabalho e/ou outras obrigações, sendo a realização espontânea de uma atividade considerada prazerosa e de livre escolha do indivíduo. Embora historicamente o lazer tenha sido durante muito tempo antagônico em relação ao trabalho, atualmente importantes estudiosos do fenômeno “lazer” como Dumazedier (1989), Marcellino (1995) e Camargo (1998) defendem o fim desta dicotomia, defendendo o lazer como uma forma de desenvolvimento do indivíduo, não apenas um momento de recuperação de força física mas, também, mental, representando a oportunidade de desenvolvimento de habilidades pessoais que o indivíduo não exercita habitualmente em suas atividades laborais. Dumazedier (1989), abordando a importância da prática do lazer na vida de todo indivíduo, ressalta que o lazer possui como funções o descanso (forma de recuperação das energias físicas e mentais do indivíduo), o divertimento (afastamento do tédio e da rotina que auxilia os processos de descanso e desenvolvimento humano) e o desenvolvimento (voltado justamente ao exercício de habilidades individuais ou em grupo que auxiliarão o indivíduo como um todo, inclusive em suas atividades profissionais).

Neste sentido, verificou-se que ao frequentar um clube de leitura o indivíduo pode experimentar as mais diversas facetas do lazer. A ideia de lazer é ilustrada pelas observações que identificam na frequência dos clubes como uma forma de manter a saúde mental, relaxar e “desestressar”. A ideia de divertimento aparece nas contribuições dos que afirmam frequentar este espaço com objetivo de compartilhar as impressões da leitura e ter nesses momentos o lazer e o prazer que o livro proporciona.

No clube de leitura, a escuta do outro transforma as impressões iniciais da leitura realizada antes do encontro e as falas ouvidas tornam-se constitutivas de uma nova compreensão. Assim, o diálogo e a discussão sobre a leitura, que é atividade central nas rodas de conversa do clube, inevitavelmente, fazem com que a compreensão pessoal de cada um se modifique, ou se amplie, ou se confirme.

As posições iniciais se reelaboram durante e após cada encontro. A fala do outro repercute em cada um dos presentes durante o debate, e continua repercutindo também após o encontro. É nesse momento de viver e conviver com as impressões da leitura que se constituem as relações de sociabilidade.

Os encontros do clube de leitura contemplam as interpretações pessoais de todos os presentes. O contexto social do diálogo é real, já que alguns se expõem mais do que outros. Mas os comentários não são classificados como melhores ou piores, apenas diferentes.

Foi possível perceber, no clube de leitura, um maior comprometimento do leitor com a leitura, e de cada leitor com o grupo. No “pacto de leitura” entre os participantes, não há uma autoridade especialista única, todos são autorizados a ter convicções e dúvidas a respeito do livro, e a verbalizar as opiniões. Em outras palavras, buscar argumentos e participar do jogo interpretativo é tão importante quanto ler o livro. Percebeu-se também a importância da mediação organizadora que orienta as atividades do grupo. Um grau mínimo de diretividade é importante para o grupo e esperado pelos participantes, tanto no estabelecimento e manutenção das normas gerais do clube, como na promoção de um repertório ampliado de leituras, não imposto, mas sugerido.

Evidenciou-se ao logo das observações que o ato de consumir o livro não era no clube representado como consumo mercantilista, mas o consumo pela perspectiva do simbólico. Dada evolução do livro no mundo e sua importância ao longo da história, esta pesquisa constatou o livro como um bem de consumo dentro das associações dos clubes de leitura, pois o livro sob a perspectiva de bem de consumo surge a partir do momento em que passa a contribuir e facilitar as relações de sociabilidade, pois na atualidade consumir se torna uma necessidade mais absoluta do que relativa.

Ao pensarmos a materialidade como cultura, caminhamos para nos tornarmos com as coisas, refletindo a materialidade como condição fundamental dos seres humanos, pois as realizações da humanidade sempre foram intermediadas pelas coisas, e hoje nos relacionamos cada vez mais por meio delas, devido à nossa capacidade de acumular conhecimento e convergir conhecimento em ações.

Desta forma ao descrever o livro como bem de consumo, relacionamos o consumo ligado ao simbólico, no sentido de pertencer, de mediador nas relações de sociabilidade, onde o ato de consumir um livro, pode ser visto como vínculo de afetos, por onde levará o indivíduo por transformações pessoais e relações sociais, assim as atividades de consumo, são revestidas de carga simbólica, estabelecem relações de reciprocidade. Sendo que as relações de afeto

podem ser moldadas com a prática do consumo, como também nossas próprias identidades na sociedade.

Ao considerarmos o livro como bem de consumo, compreendemos o consumo como uma espécie de facilitador, propiciador, “construtor” e “articulador” de relações sociais, portanto, a ideia de compreender as experiências de consumo no plano cultural e simbólico implica atrelar significados dessas dinâmicas de sociabilidade as quais se entrelaçam.

Sendo assim o clube de leitura é considerado um espaço simbólico, pois seus integrantes o têm como um lugar de pertencimento, pois o consumo de livros como simbólico evoca sentimentos de afetividade, sociabilidades muito particulares e características próprias de cada grupo. Ainda em conformidade com os estudos de pode-se perceber que esse grupo denominado clube de leitura é dotado de capital social e capital simbólico, dado que o capital social é definido pelo conjunto de relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo, implicando diretamente nas relações de sociabilidade, e sendo o capital simbólico definido pelo conjunto de rituais (como boas maneiras, ou protocolos) ligados ao reconhecimento.

As relações que os integrantes dos clubes de leitura da pesquisa experimentam como atos de ler são múltiplas, repletas de significados, alguns que só fazem sentido se pensarmos nos contextos que envolvem estes sujeitos, não apenas socioeconômicos, mas as experiências de leitura que fazem parte de suas vidas. Em síntese, constatamos, que “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos que se apropria” (CHARTIER 1996, p.20).

Como afirma Certeau (1994), ler é peregrinar. A leitura é um ato inventivo e de criação, não pode ser assimilado a uma passividade, como se o leitor fosse mero espectador/receptor das intencionalidades do autor. O ato de ler modifica não apenas o leitor, mas também aquilo que é lido. Toda a leitura é um ato de produção, de criação própria do leitor que atribui sentidos para além daqueles estabelecidos pelo autor.

Neste contexto, tem-se no panorama aqui desenhado a resposta à pergunta norteadora levantada no início desta pesquisa, sobre quais os impactos das relações de sociabilidade e da prática de leitura como lazer pelas perspectivas de diferentes sujeitos sociais, e compreender a utilização do consumo de livros e da leitura como fonte de lazer por meio de associações de clubes de leitura, como se estabelecem os laços entre as pessoas ao vivenciarem a sociabilidade frequentando clubes de leitura bares em Maringá. Tem-se também a confirmação da hipótese

de que clubes de leitura enquanto espaços de lazer são locais propícios para o estabelecimento de laços de sociabilidade.

Por sua vez, os objetivos de investigar como as pessoas vivenciam a sociabilidade ao frequentarem os clubes de leitura em Maringá, bem como o de identificar as principais razões da frequência a estes estabelecimentos, percebendo junto a dinâmica das teias de relacionamento estabelecidas nos clubes de leitura de Maringá, não foram apenas alcançados, mas abriram inclusive novas premissas para a realização de outras pesquisas que sejam complementares a esta e que possam contribuir ainda mais para a compreensão dos fenômenos de lazer, sociabilidade e consumo atrelados aos clubes de leitura.

Durante o ano de 2020, os clubes de leitura de Maringá tiveram que se reinventar para se adaptar ao contexto de distanciamento social da pandemia. Os integrantes impedidos de se encontrarem em livrarias, cafés ou bibliotecas, apostaram em reuniões virtuais, porém não menos empolgantes. O resultado foi que os integrantes aceitaram o desafio e se reinventaram para poder se sentirem próximos, matar saudades e conversarem sobre as obras literárias. Minha pesquisa, além de todos os outros setores da minha vida foram afetados, e como eu já tinha feito a pesquisa de campo, minha interação e participação com os três grupos escolhidos transcorria paulatinamente. Um dos clubes de leitura resolveu que não faria encontros virtuais pois, muitas integrantes do clube são professoras (a), e passavam pelo processo de dar aulas virtuais, gravações de aulas e se sentiam sobrecarregadas e em concordância com os demais membros decidiram não fazer os encontros de forma virtual. Os outros dois clubes de leitura observados resolveram que faríamos os encontros de forma remota, como uma forma de nos vermos e nos apoiarmos num momento de tantas incertezas e distanciamento. Minhas aulas no mestrado foram pausadas e meu trabalho passou a ser em home office. Minhas aulas no mestrado retornaram de forma remota em julho/agosto pois nossa qualificação teria que acontecer no mês de novembro.

Todos os três clubes frequentados tinham como meio de interação fora dos encontros presenciais, grupos de *what's* onde nossas interações dependiam da forma como éramos estimulados por seus mediadores, outras vezes as conversas entre os integrantes desencadeavam grandes momentos de conversa a respeito de diversos assuntos, como política, pandemia, aflições pessoais, ajudas filantrópicas etc.

Ao longo da pesquisa fui me tornando a pesquisa, muitas vezes tentava diminuir as relações de sociabilidade e somente tentar observar as interações, mas então fui convidada a participar como aconteceu na escolha dos livros que seriam lidos no segundo semestre do clube

de leitura Macondo, a votação para a escolha foi feita por um formulário no *google forms* onde os integrantes acessavam e sugeriam suas escolhas, os integrantes teriam acesso a esse formulário de quarta a sábado, quando ao meio dia seria divulgada a lista dos livros escolhidos para o segundo semestre de 2020.

Durante o período de escolha para votação que foi de quinta-feira a sábado ao meio dia onde seria revelado os livros escolhidos, nesse momento a pesquisadora observava o desenrolar do processo e em virtude de uma série de coisas que estava fazendo ao mesmo tempo, não tinha tido tempo para pensar e escolher minhas sugestões, então decidi que não votaria e achei que passaria despercebida (nesse momento era somente meu lado pesquisadora que observava as conversas pelo *what's*). Na sexta-feira, no meio da tarde visualizei uma mensagem que dizia que ainda faltavam cinco das pessoas mais atuantes no grupo para votar e meu nome era um dos cinco. Ao me deparar com aquela mensagem vi o quanto eu tinha me tornado parte do grupo da pesquisa.

O período de coleta de campo se encerrou no final de 2020. Desde então, não frequento mais regularmente os clubes Eurídice e o Mulheres que riem. No entanto me tornei uma integrante do clube de leitura Macondo e vivo diuturnamente as alegrias de ter a leitura como fonte de lazer e de sociabilidades. Agora faço parte do “pedaço”.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros.** In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (org). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros.* São Paulo: Unesp, 2010, p. 41-65.
- ALONSO, Angela. **Joaquim Nabuco: Os salões e as ruas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: A geração 1870 na crise do Brasil-Império.* São Paulo: Paz e Terra/Anpocs.
- ACERVO, Revista. Entrevista com Robert Darnton. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 8, n. 1-2, p. 13-18, 1995. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/40443>>. Acesso em: 06 mar. 2021.
- ACERVO, Revista. Entrevista com Roger Chartier. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 8, n. 1-2, p. 3-12, 1995. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/44762>>. Acesso em: 06 mar. 2021.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo.** 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2003.
- BOURDIEU, Pierre, **O poder simbólico.** 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CAMARGO, Luiz Octavio De Lima. **Educação para o lazer.** São Paulo: Moderna, 1998.
- CAMPBELL, Colin. “**The Sociology of Consumption**”, **Acknowledging Consumption**, ed. David Miller, London, Routledge, 1995.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. 290p.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. 283p.
- CAVALCANTI, Berenice. **Os letrados da sociedade colonial: as academias e a cultura do Iluminismo no final do século XVIII.** Revista Acervo, Rio de Janeiro, vol. 8, no.1-2, p.53-66, jan./dez. 1995.
- CEBRAP, Sesc São Paulo. **Método de pesquisa em Ciências Sociais.** Bloco Qualitativo. São Paulo, 2016.

CERTEAU, Michel de. **Ler: uma operação de caça.** In *A invenção do cotidiano: artes: artes de fazer.* Petrópolis. Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **Leitura e leitores da França no antigo regime.** São Carlos. Unesp 2004.

DAMATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: **A Aventura Antropológica: objetividade, paixão, improvisos e método na pesquisa social.** NUNES, Edilson de Oliveira (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Unesp, 1992, p.199-236.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular.** 3.ed. São Paulo: Perspectiva,2000.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1989.

FABRE, D. O livro e sua magia. In: CHARTIER, R. (Org.) **Práticas da leitura.** São Paulo: Estação da Liberdade, 1996. p. 201-228

FAILLA, Z. (Org.) **Retratos da leitura no Brasil.** Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1990.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós modernismo e identidade.** São Paulo: Studio Nobel, 1997.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Um impresso se populariza: o caso dos folhetos de cordel. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (org). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros.** São Paulo: Unesp, 2010, p.567-584.

GEERTZ, Clifford. Estar lá: a antropologia o cenário da escrita. In: **Obras e vidas – o antropólogo como autor.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. In. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro. Zahar, 2014.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRE, Monique. **Sociologia da leitura.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

- KURY, Lorelai Brilhante; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. **Cultura científica e sociabilidade intelectual no Brasil setecentista: um estudo acerca da Sociedade Literária do Rio de Janeiro.** Revista Acervo, Rio de Janeiro, vol. 8, no.1-2, p.105-122, jan./dez. 1995.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje, amanhã.** São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva.** Tradução Luis Carlos Borges. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- MAGNANI, José Carlos Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** Vol. 17, nº 49, jun. 2002.
- MAGNANI, José Carlos Cantor. **Festa no Pedacço: cultura popular e lazer na cidade.** SP: Hucitec, 1998a.
- MAGNANI, José Carlos Cantor. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In: **Sociedade global: cultura e religião.** MOREIRA, A. S. Petrópolis: Vozes, 1998b.
- MAGNANI, José Carlos Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In:
- MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). **Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana.** SP: EDUSP, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme C. **A Antropologia Urbana e os desafios da metrópole.**
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização.** Campinas: Papyrus, 1995.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer - uma introdução.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.
- MATOS, Maria Afonsina Ferreira; SANTOS, Nayara Rute da Paixão. Do prazer ao saber: memórias de leitura na comunidade acadêmica da UESB/Campus Jequié. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- MILLER, Daniel. **Teoria das compras/** Daniel Miller. São Paulo: Nobel, 2002.
- NEVES, Maria Helena de Moura. 7.ed. **Gramática na escola.** São Paulo: Contexto, 1995.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Tradução de Leny Werneck, Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PETIT, Michele: **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** São Paulo: Ed34, 2008.
- QUINTANA, Mário. **Prosa e verso.** 6. ed. São Paulo: Globo, 1989.
- ROCHA, Everardo. **Magia e Capitalismo: um estudo antropológico da publicidade.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROCHA, Everardo. **Representações do Consumo:** Estudos sobre a narrativa publicitária. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

ROCHA, Angela da; ROCHA, Everardo. **Paradigma Interpretativo nos Estudos de Consumo: Retrospectiva, Reflexões e uma Agenda de Pesquisas para o Brasil.** Revista de Administração de Empresas, v. 47, n. 1, p. 71-80, jan./mar. 2007.

THOMPSON, John. B. **Mercadores de cultura:** o mundo editorial no século XXI. São Paulo. Editora Unesp, 2013.

VAZ, Paulo. Internet e a propriedade intelectual. In: PERUZZO, Cicilia Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de (org.). **A mídia impressa, o livro e as novas tecnologias.** Campo Grande: Uniderp/ Intercom, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) **Caminhos investigativos:** novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996.

YUNES, Eliana. Contação de histórias: oralidade, escrita e pensamento. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen. **Contação de histórias:** tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015, p.194-201.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura:** história & sociedade. Letras, Santa Maria, 1993.